



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

BENIJOHNSON ALBUQUERQUE SILVA

**ATUAÇÃO DA MAÇONARIA NO PROCESSO DE ABOLIÇÃO DA
ESCRavidÃO NO BRASIL**

CAJAZEIRAS

2019

BENIJOHNSON ALBUQUERQUE SILVA

**ATUAÇÃO DA MAÇONARIA NO PROCESSO DE ABOLIÇÃO DA
ESCRAVIDÃO NO BRASIL**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em Licenciatura Plena em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção de nota.

Orientador: Prof.º Laercio Teodoro da Silva

CAJAZEIRAS

2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-046
Cajazeiras - Paraíba

S586a Silva, Benijohnson Albuquerque.
Atuação da maçonaria no processo de abolição da escravidão no Brasil
/ Benijohnson Albuquerque Silva. - Cajazeiras, 2019.
54f.: il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Laércio Teodoro da Silva.
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2019.

1. Abolição da escravidão. 2. Maçonaria. 3. Movimento abolicionista -
Brasil. 4. Escravidão brasileira - histórico. 5. Maçonaria - defesa da
abolição. I. Silva, Laércio Teodoro da. II. Universidade Federal de
Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 94(81).063

BENIJOHNSON ALBUQUERQUE SILVA

**ATUAÇÃO DA MAÇONARIA NO PROCESSO DE ABOLIÇÃO DA
ESCRavidÃO NO BRASIL**

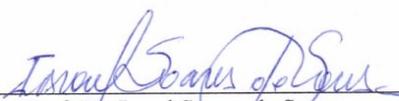
Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em Licenciatura Plena em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção de nota.

Aprovado em: 04/12/2019

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Laercio Teodoro Silva
ORIENTADOR:


Prof. Dr. Isamar Gonçalves Lôbo
EXAMINADOR


Prof. Dr. Israel Soares de Sousa
EXAMINADOR

Dedico este trabalho aos meus pais, Benone Pereira da Silva, Maria Albuquerque Silva (Marinete) e minha irmã Benijane Albuquerque Silva, por todo incentivo e inspiração e mim demonstrado ao longo dessa jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Grande Arquiteto do Universo, “Deus”, por ter me dado saúde e força para superar todas as dificuldades ao longo dessa caminhada.

Aos meus pais, Benone Pereira da Silva e Maria Albuquerque Silva – “Marinete” –, por todo incentivo, dedicação e apoio ao longo da minha vida estudantil. Meu eterno agradecimento.

A minha irmã Benijane Albuquerque Silva, por estar presente em minha vida, apoiando e incentivando sempre quando necessito, meu singelo agradecimento.

A minha namorada e companheira, Maria Suênia Albuquerque Temoteo, por todo apoio e incentivo nessa caminhada acadêmica, paciente com minha ausência ao longo desse período, meu muitíssimo obrigado por tudo.

Aos meus demais familiares, meus tios e tias que, em nome de José Pereira da Silva (Zé de Duca) e Maria de Fatima Rolim, saúdo a todos por todo incentivo a mim demonstrando. E aos meus primos e primas, obrigado por cada palavra de apoio e incentivo.

Agradeço aos meus patrões, Antônio Pereira dos Anjos (*in memoria*) e Herózildo Pereira de Oliveira, pela compreensão, incentivo e apoio ao longo desses anos de vida acadêmica.

Ao meu orientador, Laércio Teodoro da Silva, pela paciência, disponibilidade, dedicação e responsabilidade ao longo desse período me orientando da melhor forma possível. Sem sua experiência, conhecimento e apoio, este trabalho não seria o mesmo, meu muito obrigado por tudo.

Aos meus companheiros de curso, Alexandro, Aucilon, Andrade, Cícera, Claudivan, Fernanda, Naiane, Naiara, Vanessa, sou grato a todos pela amizade e toda experiência vivenciada ao longo desses anos, desejo sorte na vida de todos.

A todo corpo docente do curso de História, pela competência e gentileza na transmissão de conhecimento. Meu muito obrigado.

Aos funcionários da UFCG – CFP, campus de Cajazeiras – PB, pela gentileza quando ajuda era solicitada. Muito obrigado.

Enfim, a todos que direta e indiretamente, contribuíram de maneira geral, com palavras de incentivo e apoio para cumprimento dessa etapa em minha vida.

RESUMO

O objetivo desse trabalho é analisar o movimento abolicionista no Brasil pela perspectiva da participação e contribuição que a maçonaria desempenhou na luta em defesa da abolição da escravidão. Na primeira parte desta pesquisa, atentamos em analisar a origem, fundação e formação da maçonaria, a partir duas perspectivas historiográficas diferentes comumente apresentadas sobre o tema, a primeira, Maçonaria Operativa, e a segunda, Maçonaria Especulativa. Seguindo na análise até a chegada da maçonaria no Brasil. Na segunda parte do trabalho, analisamos o contexto histórico da escravidão brasileira e da participação e contribuição da maçonaria no movimento abolicionista em defesa da liberdade dos escravos, destacando as atividades que as lojas maçônicas desenvolveram para dar liberdade aos escravos brasileiros. Na terceira parte desta pesquisa, analisamos e discutimos a relação de interesse que parte dos membros maçonaria, nas pessoas de Luiz Gama e Joaquim Nabuco, tinham dentro da sociedade, em especial para com os movimentos abolicionistas, e o interesse que enxergaram dentro do ambiente maçônico, como espaço de defesa da causa abolicionista brasileira. Para o desenvolvimento da presente pesquisa, tomou-se como referência livros, teses, dissertações e artigos que tratam a maçonaria ligada ao movimento abolicionista brasileiro. Os documentos na pesquisa, foram atas das reuniões maçônicas, decretos das lojas e jornais da época, nos quais mostram que as lojas maçônicas desenvolveram relevante contribuição em defesa da liberdade do trabalho escravo brasileiro.

Palavras-chave: Maçonaria. Abolição da Escravidão. Liberdade.

ABSTRACT

The aim of this paper is to analyze the abolitionist movement in Brazil from the perspective of the participation and contribution that the Freemasonry played in the struggle for the abolition of slavery. In the first part of this research, we focus on analyzing the origin, foundation and formation of Freemasonry, from two different historiographical perspectives commonly presented on the subject, the first, Operative Freemasonry, and the second, Speculative Freemasonry. Also, describing in the analysis the arrival of the Freemasonry in Brazil. In the second part of the paper we analyze the historical context of Brazilian slavery and the participation and contribution of Freemasonry in the abolitionist movement in defense of slave freedom, highlighting the activities that Masonic lodges developed to give freedom to Brazilian slaves. In the third part of this research, we analyze and discuss the relationship of interest that arose from Freemasonry members, in the people of Luiz Gama and Joaquim Nabuco, had within society, especially towards the abolitionist movements and the interest they saw within the Masonic environment, as a space for the defense of the Brazilian abolitionist cause. The research was made from the minutes of Masonic meetings, decrees of the lodges and newspapers of the time, which shows the relevant contribution that the Masonic lodges developed in defense of the freedom of the Brazilian slave. The methodology worked was basically to analyze the records of the Masonic lodges and the newspapers, which are referenced throughout the work.

Key-words: Freemasonry. Abolition of Slavery. Freedom.

LISTA DE ABREVIACOES

Aug.: – Augusta
Ausp.: – AuspÍcios
Cl.: Ou Cir.: – CÍrculo
Cons.: – Conselho
Const.: – Constituição
E.: V.: – Era Vulgar
Gr.: – Grande
Gr.: Mest.: - Grão Mestre
Gr.: Or.: – Grande Oriente
I.: – Irmão
II.: – Irmãos
L.: – Luz
Loj.: – Loja
LM.: – Livre maçom ou Loja Maçônica
LL.: – Lojas
Ma.: – Maçonaria
MMA.: – Maçons
GGr.: OOr.: – Grandes Orientes
G.: O.: B.: – Grande Oriente BrasÍlico ou do Brasil
G.: O.: U.: – Grande Oriente Unido
G.: L.: – Grande Loja
Ob.: – Obediência
Obb.: – Obreiros
Ord.: – Ordem
Pod.: Gr.: Mest.: – Poderoso Grão Mestre
Prof.: – Profano
PPran.: – Pranchas
Sap.: – SapiantÍssimo
Sob.: – Soberano
Sup.: Cons.: – Supremo Conselho
Val.: – Vale
Ven.: – Venerável

LISTA DE IMAGEM

Figura 1 – Decreto Loja Perseverança nº 0159. Paranaguá-PR. Parte. 01	32
Figura 2 – Decreto Loja Perseverança nº 0159. Paranaguá-PR. Parte. 02	33
Figura 3 – Ata da sessão do Grande Oriente	37
Figura 4 – Jornal O Pelicano. A Maçonaria e a Moral	38
Figura 5 – Revista Ilustrada. Charge escravo.	40
Figura 6 – Jornal O Pelicano. Ordem de Propaganda da Maçonaria.....	42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 BREVE HISTÓRICO DA FORMAÇÃO DA MAÇONARIA.....	15
1.1 Maçonaria Operativa	15
1.2 Maçonaria Especulativa.....	16
1.3 Fundação da maçonaria no Brasil.....	21
2 A ESCRAVIDÃO NO BRASIL E A LUTA EM DEFESA DA LIBERDADE	25
2.1 Participação da maçonaria no movimento abolicionista no Brasil.....	29
2.2 Esforços das lojas maçônicas brasileiras em contribuir para fim trabalho escravo.....	30
3 RELAÇÃO DE INTERESSE DOS MEMBROS DA MAÇONARIA NOS MOVIMENTOS ABOLICIONISTAS.....	44
3.1 Divergências sociais e interesses pessoais e coletivos na maçonaria	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é fazer uma análise sobre a participação da maçonaria dentro do processo de abolição da escravidão no Brasil, em especial por ter dado sua contribuição em um dos momentos mais marcantes da nossa história. A escolha dessa temática que envolve a Maçonaria foi inicialmente pensada pela participação indireta que tive com a instituição desde da minha infância, por estar sempre acompanhando do meu pai, maçom ativo de umas das lojas maçônicas da cidade de Cajazeiras – PB. Vivendo nesse meio maçônico, fui instruído pelo meu pai a ingressar na Instituição Para-Maçônica Ordem Demolay, filiada a própria maçonaria. Os anos foram passando e, atualmente, faço parte do quadro de membros da Loja Maçônica Jose Rodovalho de Alencar nº 2912, ao qual meu pai também faz parte.

O tema desta pesquisa é sobre a participação da maçonaria brasileira dentro das campanhas e movimentos abolicionistas no Brasil, a fim de promover e contribuir para o fim da abolição da escravidão no país, com destaque no período entre 1870 a 1890, período esse que se evidencia por se tratar da época em que as lojas maçônicas passaram a desenvolver e expor trabalhos filantrópicos relacionados a questão da causa abolicionista, como compra de alforrias e publicações em jornais de grande circulação vinculados às lojas maçônica e nos quais eram noticiavam artigos em defesa da causa.

A construção desse tema surgiu da inquietação em procurar compreender como se deu a participação da maçonaria no processo de abolição da escravidão no Brasil. A partir disso, vieram alguns questionamentos. Como uma instituição tão regrada de sigilo contribuiu em prol da abolição do trabalho escravo? Quais foram as contribuições, estratégias e práticas das lojas maçônicas no Brasil para contribuir com o fim da escravidão no Brasil? Os seus membros atuavam somente em prol da instituição maçônica, ou por outro lado participavam em outras campanhas abolicionistas fora do ambiente maçônico? Existiam membros que eram contrários à causa abolicionista, se tinham, quais justificativas foram dadas? Quem foram esses maçons que atuaram firmemente nas campanhas abolicionistas? Como se deu a atuação deles dentro da sociedade? E após a abolição, o que maçonaria contribuiu para aqueles que garantiram a liberdade?

Ao longo dos anos, muitos trabalhos foram produzidos sobre a história da Maçonaria ou sobre a sua participação em momentos marcantes para a história do Brasil, como também pesquisas relacionadas às suas filantropias dentro da sociedade civil.

Esta pesquisa foi se formando a partir de autores que estudam a história da escravidão voltada para o âmbito social, como é o caso da obra de Sidney Chalhoub. Em seu livro *Visões*

de Liberdade uma História das Últimas Décadas de Escravidão na Corte (2009), o autor faz uma análise do processo de compra e venda de escravos de uma propriedade para outra, procurando fazer uma reflexão do lugar social em que se encontrava os escravos, um lugar que mesmo sendo um cativeiro sem haver nenhuma condição mínima de conforto, era tido como espaço de sociabilidade em comunidade, esses escravos criavam laços de amizade e reconstruíam suas identidades culturais nestas localidades. O autor analisa a perspectiva em que a venda de um escravo deixa de ser somente uma transação financeira, a alforria não é mais aquele papel que determina o senhor ser dono do escravo. O próprio território que o escravo mora não será mais aquele que o senhor determina. A partir daí, o autor analisa as lutas dos escravos em defesa de sua liberdade, em defesa de construir pouco a pouco um lugar social que pudesse viver sozinho ou em comunidade longe das fazendas, partindo já para ambiente urbano, o escravo de certa forma passa a ter autonomia, passa a ter uma vida própria e independente. Em suma, esta obra é importante de fato, visto que analisar a luta que os escravos tiveram em procurar a sua liberdade, seja pelo meio jurídico contra os seus senhores, ou pelas rebeldias realizadas nas fazendas.

A partir de leituras como a obra de Jose Castellani, *Os Maçons e a Abolição da Escravatura (1998)*, na qual o autor faz reflexão sobre a participação da maçonaria dentro dos movimentos abolicionistas no Brasil, e uma análise da participação dos membros da instituição que se destacaram nesses movimentos, personagens negros, que ficaram marcados dentro da historiografia brasileira, “[...] uma luta, que teria o seu apogeu na década de 80 do século XIX, na qual iriam se destacar nomes maiúsculos do movimento abolicionista, como Luís Gama, Antônio Bento, José de Patrocínio, Joaquim Nabuco, Silva Jardim, Ruy Barbosa e outros” (CASTELLANI, 2009, p. 51).

Essa obra foi de extrema importância, pois atentou-se na questão de imaginar onde esses personagens negros, como é caso de Luís Gama e Joaquim Nabuco, conseguiram ganhar destaque tanto dentro do âmbito dos movimentos abolicionistas, quanto dentro do cenário maçônico.

O trabalho realizado por Maria Alexandre Soares Filha, *História da Maçonaria em Cajazeiras: Historiografia, Projeto e Assistência Social (2014)*, foi fonte de análise para realização deste trabalho, pois se trata de uma pesquisa realizada dentro da cidade de Cajazeiras. O trabalho analisa a chegada da maçonaria na Paraíba e na cidade de Cajazeiras, passando pela fundação de duas lojas existentes atualmente na cidade e nas instituições jurisdicionada a maçonaria, como caso das Filhas de Jó e a Ordem Demolay, da qual fiz parte dos anos de 2007

a 2013, e vultos sociais e filantrópicos no qual a maçonaria e suas instituições jurisdicionada a ela, vem fazendo dentro da cidade, como caso de doações de donativos à pessoas carentes, campanhas de sangue, entre outras ações.

No artigo publicado por Ângela Alonso, intitulado *O Abolicionismo como movimento social (2014)*, a autora analisa o movimento abolicionista e os seus principais defensores, como o caso de Joaquim Nabuco, Luiz Gama e José de Patrocínio, entre outros, a partir da política de relacionamento e interesse com o processo político de abolir a escravidão.

O trabalho de Renata Ribeiro Francisco, *Por Talentos e Virtudes: trajetórias maçônicas de negros abolicionistas (2015)*, analisa a trajetória de negros abolicionistas na figura de Luiz Gama, entre outros, e o projeto destes de se firmarem dentro do âmbito da política social do país, como também, adquirir respeito dentro da instituição maçônica, pois, de fato, remete-se ao lugar privilegiado em que poucos conseguem adentrar como membros da mesma, principalmente por se tratar de uma época em que o negro era escravizado.

A leitura livro de Jose Castellani *Os Maçons e a Abolição da Escravatura (1998)*, no qual o autor faz uma reflexão sobre que participação da maçonaria brasileira se deu, dentro dos movimentos abolicionistas no Brasil, contudo dá ênfase as contribuições que a maçonaria por meio de seus membros, deram a sociedade escravizada, que foram ajuda financeira para compras de alforrias, fundo de arrecadações entre os membros para libertar escravos, propaganda de conscientização em jornais defendendo o fim da abolição. O autor se atenta em analisar a participação de personagens marcantes dentro da historiografia brasileira, que faziam parte da instituição maçônica, como foi caso de Joaquim Nabuco e Luiz Gama.

A partir das leituras destas obras acima citadas, foi despertando o interesse de procurar documentos que comprovem que a maçonaria brasileira atuou e contribuiu dentro dos movimentos abolicionistas no Brasil, iniciou-se uma pesquisas por meio da internet, no qual foi encontrado registros de atas de reuniões maçônicas, registro de documentos das lojas maçônicas que comprovavam que a maçonaria comprava alforrias de escravos por meio de fundos de arrecadações entre os membros da instituição, registros de boletins destinados a todas as lojas situadas no Brasil que fosse cumprido determinado imposição em benefício aos escravos, esses registros foram localizadas no site da biblioteca nacional o www.bndigital.bn.gov.br, outras fontes como foi caso de jornais da época da abolição, encontrados na própria página de pesquisa de imagem do site www.google.com, fazendo a busca por jornais que tratavam o tema dos movimentos abolicionista. A partir desses

documentos que fazem ponte com o tema dessa pesquisa, podemos comprovar a atuação da maçonaria brasileira dentro dos movimentos abolicionistas em defesa do fim da escravidão.

Contudo iremos analisar a luta pelo fim da escravidão, como fruto do protagonismo e interesse do próprio negro escravizado e liberto. Essa luta foi marcada com diversas redes que foram estabelecidas entre sujeitos e com instituições privadas que pudesse contribuir para causa abolicionista. Nesse sentido, este trabalho compreende que a atuação da maçonaria uma instituição privada que, em certa medida, contribuiu na luta abolicionista dos negros

Sendo assim, no primeiro capítulo, intitulado *Breve Histórico da Formação da Maçonaria*, buscaremos apresentar como foi construído pela historiografia as origens da formação da maçonaria, para procurarmos entender melhor a instituição e o contexto histórico da instituição que iremos analisar. Nessa perspectiva iremos analisar dois momentos diferentes que a maçonaria vivenciou, o primeiro deles, a *Maçonaria Operativa*, o segundo a *Maçonaria Especulativa*, são esses momentos dos quais a maçonaria passa por uma transição de pensamentos ideológicos para com a aquisição e permissão da entrada de novos membros. Ainda neste capítulo, iremos analisar um breve contexto histórico da chegada da maçonaria no Brasil.

No segundo capítulo, intitulado *Participação da Maçonaria nos Movimentos Abolicionistas no Brasil*, analisamos e discutimos como se deu os movimentos abolicionistas no Brasil, partindo de interpretações que vários autores têm sobre o movimento abolicionista. Diante disso, iremos explorar atas maçônicas vinculadas ao Grande Oriente do Brasil, poder central que jurisdiciona as demais lojas localizadas pelo país, travando um diálogo de interesse mútuo com as demais lojas espalhadas pelo Brasil. Também discutimos como essas lojas contribuíram para promover eventos e festas particulares com seus membros, no intuito de arrecadar fundos financeiros para compra de alforrias de escravos. Analisamos recortes de jornais filiados a maçonaria, que procuravam conscientizar a sociedade para o fim da escravidão.

No terceiro capítulo, *Relações de interesse entre membros da Maçonaria e dos Movimentos Abolicionistas*, a questão que cogitamos analisar, como uma instituição com inúmeros membros, cuja sua grande maioria era vinda das camadas mais altas da sociedade, sendo muitos desses membros ligados ao poder econômico ou político daquele contexto social em que viviam, tratava a questão do fim do trabalho escravo no seu ambiente interno entre seus membros. Muito embora, existiam aqueles que eram a favor da permanência da escravidão no país e os que aderiram à campanha abolicionista. Partindo desse pressuposto, a ideia é analisar

aqueles maçons que mais se destacaram dentro do movimento abolicionista no Brasil, e quem são esses membros que estiveram à frente dessas campanhas. Por outro lado, procurando entender como era dada essa relação de poder e interesse com a causa abolicionista dentro da sociedade civil e dentro da própria instituição maçônica.

1 BREVE HISTÓRICO DA FORMAÇÃO DA MAÇONARIA

Muitos discursos produzidos ao longo do tempo, foram construídos para tentar explicar e analisar as origens da fundação da maçonaria. Segundo Monteiro, (2009, p. 14), uns ligam o nascimento da maçonaria à construção do Templo de Salomão¹ e para outros, a maçonaria teve início na fraternidade dos Obreiros Construtores² (BENEMELLI, 2007, p. 25). Já outra linha de análise, irá indicar que a maçonaria surgiu especialmente com os Templários³, a partir das cruzadas ou da Ordem do Templo (BENEMELLI, 2007, p. 25).

De certa forma, a ideia desta pesquisa não é analisar ou explicar o surgimento da maçonaria, e sim, deixar claro que, entre diferentes perspectivas historiográficas, há diversas versões que contradizem umas com as outras da possível origem, e de onde se originou e se desenvolveu a maçonaria. Diante disso, atenta-se a duas épocas diferentes das quais a maçonaria vivenciou: uma denominada de *Maçonaria Operativa*, que segundo Jose A. Ferrer Benimeli (2007, p. 35), no século XIII, já existia na Alemanha lojas dos talhadores de pedras. E a outra é chamada de *Maçonaria Especulativa*, que segundo Elson Luiz Rocha Monteiro (2009, p. 17), “A partir do século XVIII é que a maçonaria toma a forma atual, passando a ser denominada especulativa”, termo esse utilizado até os dias de hoje pela própria instituição.

A maçonaria atualmente ainda transmite para a sociedade uma ideia de ser considerada uma instituição de elite e repleta de segredos, mistérios e rituais, principalmente em relação à sua origem. Como já foi dito, vivenciada em duas épocas diferentes, as quais mais se aproximam do surgimento da sua origem, dessa forma, realizaremos uma breve análise sobre esses dois momentos a partir do que foi produzido pela historiografia em relação aos períodos em que a maçonaria vivenciou.

1.1 MAÇONARIA OPERATIVA

A discussão em torno de uma origem mais concreta, que marca a primeira fase da maçonaria, chamada Operativa, converge em torno dos “*collegiu fabrorum*” dos romanos, em que se aprendia a arte da construção (MONTEIRO, 2009, p. 14). Sendo assim, foi se formando

¹**Templo de Salomão:** O mesmo templo foi erguido em Jerusalém pelo rei Salomão, cujos dados arquitetônicos a Maçonaria adotou para a formulação e perpetuação do seu simbolismo. O mesmo termo é usado pela maçonaria atual, é o local onde acontece as reuniões.

²**Obreiro construtores:** termo usado pela maçonaria operativa, para os maçons atuavam na arte construção.

³**Templários:** Ordem Militar religiosa, fundada em 1118 em Jerusalém para proteger os peregrinos cristãos que iam para terra Santa. Posteriormente se estendeu por toda a Europa.

ao longo do tempo, vários grupos, corporações e associações de homens ligados ao ofício da construção, e os que mais se destacavam eram aquele que tinham maior habilidade em talhar pedras, tido para os próprios membros como um mestre, que iria orientá-los e repassar suas técnicas para os demais.

Durante a Idade Média, a religiosidade era símbolo de obediência dentro da sociedade, os construtores trabalhavam na ideia de procurar construir templos maiores e catedrais com características únicas. Foi se criando associações de construtores, pedreiros, arquitetos, que tinham naquele período um enorme conhecimento e prática de desenvolver e construir grandiosos templos religiosos, com características únicas e repletos de simbolismo, com muitos traços artísticos e científicos, dentro das construções. Esses grupos de construtores, arquitetos, escultores, talhadores de pedras, pedreiros envolvidos nesse trabalho, foram os que deram origem as associações que participaram para o surgimento da maçonaria no período da Idade Média.

De acordo com *Dicionário dos termos maçônico*, o significado da palavra Maçom remete aos pedreiros do período da Idade Média, os quais esses profissionais detinham do saber da arte da construção de grandiosos templos e catedrais.

De acordo com Jose A. Ferrer Benimeli (2007, p. 27), durante a antiguidade e a Idade Média, normalmente aquilo que se aprendia era mantido em sigilo. Acredita-se que os segredos associados pelo senso comum à organização interna da maçonaria, são traços da sua origem, cujos mestres construtores guardavam seus segredos da arte do saber da construção de catedrais góticas, palácios e castelos, que se tornaram símbolo do período medieval.

Foi praticamente dentro dessa relação entre a maçonaria e a arte da construção que se pode explicar o surgimento dessa associação, grupos de pedreiros livres, que se reuniam em pequenos grupos ou corporações, com a ideia de transmitir e compartilhar seus conhecimentos uns para os outros, de forma que se mantivessem os ensinamentos em segredos entre eles.

1.2 MAÇONARIA ESPECULATIVA

Percebemos que essa primeira época que a maçonaria vivenciou, chamada de maçonaria operativa, estava ligada ao conhecimento da arte da construção, no qual seus conhecimentos técnicos ligados as construções de catedrais, palácios, entre outros marcos arquitetônicos de referência durante o período da idade média, eram resguardados dentro dessa associação de

construtores, grupos fechados que transmitia seus conhecimentos uns para os outros em busca da perfeição.

De certa forma, a maçonaria, por ser uma instituição secular tão antiga, é normal ter passado por evoluções que viesse a beneficiá-la e deixá-la mais aberta para o público da sociedade em geral. De acordo com Elson Luiz Rocha Monteiro (2009, p. 34):

Na evolução da maçonaria operativa para a maçonaria especulativa, os mecanismos descritos de reconhecimento, assim como a sua forma hierárquica de organização são mantidos. Por volta do século XVI, em função do renascimento, a arte da construção difundiu-se de forma mais ampla e democraticamente, devido inclusive ao aparecimento das universidades da baixa Idade Média, fazendo com que os “segredos técnicos” passassem a ser de conhecimento público.

Diante do exposto, a maçonaria via com o passar dos anos, os segredos e técnicas da arte da construção se tornarem cada vez mais comum dentro da sociedade, e necessitava, a partir dessa nova realidade, repensar um pouco esse lugar social, dentro de sua organização, abrindo assim espaço para novos membros vindos de outras camadas da sociedade.

Segundo Jose A. Ferrer Benimeli, a maçonaria passaria a abrir espaço para que pudesse ingressar no seu quadro de membros outras pessoas que exercessem outras funções na sociedade que não fossem ligadas a arte da construção:

No futuro, os privilégios da maçonaria não serão exclusivamente para obreiros construtores, mas, como se fez em outras ocasiões, estender-se-ão às pessoas de todas as classes e de todas as condições que quiserem fazer parte dos trabalhos desde que sejam devidamente proposto, que se autorize sua admissão e que sejam iniciados de forma regular (BENIMELI, (2007, p. 42).

Portanto, a maçonaria passou a aceitar outras pessoas que viessem de outras classes da sociedade que não fossem exclusivamente construtores, poderiam ser, advogados, médicos, pessoas ligadas à área militar, políticos, entre outros, enfim, desde que tivessem pleno consenso em participar das atividades maçônicas.

A maçonaria especulativa, sendo assim, não será uma instituição que construirá monumentos de pedras, catedrais e palácios como foi a maçonaria operativa. A nova fase da maçonaria especulativa, segundo Monteiro (2009 p. 17), utiliza-se do “conhecimento filosófico e esotérico que transformará as lojas maçônicas em um local de encontro de homens com inquietações intelectuais”. Sendo assim, Benimeli (2007), acrescenta que a maçonaria passará

a polir a pedra bruta do homem, deixando de lado as ferramentas e instrumentos da arte da construção, e utilizar o simbolismo com propósito de aperfeiçoá-lo, deixando-o mais consciente, moralmente e dignamente dentro de uma sociedade que a cada dia irá se mostrar mais múltipla aos olhos de todos:

De maneira simbólica, nota-se que, a partir de então, a catedral a ser construída não será mais um templo de pedra, entretanto o edifício que deverá ser erguido para a honra e glória do Grande Arquiteto do Universo será a catedral do universo, que dizer, a própria humanidade. O trabalho sobre a pedra bruta destinada a se tornar cubica, quer dizer, perfeita, e adaptada às exigências da construção, será o homem, que deverá polir-se pouco a pouco em contato com seus semelhantes (BENIMELI 2007, p. 44).

Destarte, as ferramentas utilizadas pelos construtores, passará a ter um sentido simbólico para seus próprios membros, com ideia e propósito de torna-los melhores homens dentro da sociedade, pouco a pouco construindo dentro de cada maçom, um ser mais justo e perfeito, com base nos sentidos simbólicos que cada instrumento irá representar para eles.

Cada ferramenta ou instrumento dos trabalhadores de pedra receberá um sentido simbólico: o esquadro para controlar as ações; o compasso para ficar dentro dos limites com todos os homens, especialmente com os Irmãos Maçons⁴, o avental⁵, símbolo do trabalho, que com sua brancura indica a candura dos costumes e a igualdade; as luvas brancas⁶ lembram ao franco-maçom que não deve jamais sujar as mãos com a iniquidade; e finalmente a Bíblia⁷, para controlar ou governar a fé (BENIMELI, 2007. p. 44).

Contudo, os maçons passaram a ver cada instrumento de trabalho de maneira diferente ao que representa para a sociedade em geral, passando a enxerga-los como forma de torna-los melhores homens, mais compreensíveis e toleráveis, dentro de uma sociedade tão múltipla, e ao mesmo tempo, bastante desigual.

Embora deixado de lado, a arte da construção propriamente dita, seu legado foi mantido como forma de conhecimento entre seus membros. A ideia de guardar os segredos técnicos da arte da construção, foi mantido, como forma de reconhecimento simbólico entre eles.

⁴**Irmão Maçom:** É termo de reconhecimento dado aos membros da maçonaria, como forma de simbolizar a irmandade entre todos.

⁵**Avental:** Utilizado nas reuniões maçônicas, com propósito de distinção do grau que o irmão maçom representa.

⁶**Luvas brancas:** Símbolo da pureza. As luvas brancas recebidas no dia da iniciação evocam o maçom a recordação dos seus compromissos.

⁷**Bíblia:** É símbolo da fé e na crença que existem um grande arquiteto do universo.

A partir desse momento, realiza-se a mudança na orientação da fraternidade maçônica, pois, mesmo conservando escrupulosamente o espírito da antiga confraria, com seus princípios e usos tradicionais, abandonar-se-ia a arte da construção para os trabalhadores profissionais, mas se manteriam todos os termos técnicos e os sinais usuais que simbolizam a arquitetura dos templos, embora para tais expressões se lhes tenha dado um sentido simbólico. A partir desse período, a maçonaria transformou-se em uma instituição, cuja característica era obtenção de uma finalidade ética, suscetível de se propagar em todos os povos civilizados (BENEMELLI, 2007. p. 43).

Desta forma, a fraternidade maçônica, passará a ser uma instituição que iria acomodar todos os diferentes povos, tornando-se uma instituição mais ampla, ligada ao público em geral da sociedade.

As mudanças dentro da maçonaria foram das mais diversas, a instituição se tornaria neutra diante dos problemas que o mundo vivenciava e poderia a vivenciar no futuro, ser uma instituição neutra, era a garantia que dentro do ambiente maçônico, não tivesse brigas e discursões ideológica, política ou religiosa. A questão religiosa foi definida dentro do ambiente maçônico, na transição da maçonaria operativa para a especulativa da seguinte forma:

[...] os maçons eram obrigados em cada país, a professar a religião de sua pátria ou nação, qualquer que ela fosse, nos tempos atuais nos pareceu mais adequado não obrigar além dessa religião na qual todos os homens estão de acordo, deixando cada um livre para ter sua opinião própria (BENEMELLI 2007, p. 44).

Dentro do ambiente maçônico, é permitido que qualquer membro, siga a religião ou classe política que deseje, desde que haja respeito pela diferença do próximo, ou seja, outro membro que seja contrário a seu pensamento político ou religioso.

Entretanto, entendemos que a finalidade da maçonaria é que os seus membros estejam em perfeita harmonia e companheirismo entre eles. Segundo Benimeli (2007, p. 45)., dentro do espaço maçônico não deve ter “[...] nenhuma discórdia, nem querela particular, no lugar onde existe a Loja, e muito menos ainda qualquer discursão sobre religião, as nações ou a política de estado”

A melhor maneira para definirmos a Maçonaria nos dias atuais, e situar quais preceitos e deveres todos os maçons devem ter dentro da sociedade, pode ser definida a partir da Constituição Maçônica do Grande Oriente do Brasil, em seu artigo 1º:

Art. 1º - A Maçonaria é uma instituição essencialmente iniciativa, filosófica, filantrópica, progressista e evolucionista, cujos os fins supremos são: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Parágrafo único. Além de buscar atingir esses fins, a maçonaria:

- I. Programa a prevalência do espírito sobre a matéria;
- II. Pugna pelo aperfeiçoamento moral, intelectual e social da humanidade, por meio do cumprimento inflexível do dever, da prática desinteressada da beneficência e da investigação constante de verdade;
- III. Proclama que os homens são livres e iguais em direitos e que a tolerância constitui o princípio cardinal nas relações humanas, para que sejam respeitadas as convicções e a dignidade de cada um;
- IV. Defende a plena liberdade de expressão do pensamento, como direito fundamental do ser humano, observada correlata responsabilidade;
- V. Reconhece o trabalho como dever social e direito inalienável;
- VI. Considera Irmãos todos os Maçons, quaisquer que sejam suas raças, nacionalidades, convicções ou crenças.
- VII. Sustenta que os Maçons tem os seguintes deveres essenciais: amor à família, fidelidade e devotamento a Pátria e obediência à lei;
- VIII. Determina que os Maçons estendam e liberalizem os laços fraternais que os unem a todos os homens esparsos pela superfície da terra;
- IX. Recomenda a divulgação de sua doutrina pelo exemplo e pela palavra e combate, terminantemente, os recursos à força e à violência para a consecução de quaisquer objetivos;
- X. Adota sinais e emblemas de elevada significação simbólica;
- XI. Defende que nenhum Maçon seja obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude da lei;
- XII. Condena a exploração do homem, os privilégios e as regalias, enaltecendo, porém, o mérito da inteligência e da virtude, bem como o valor demonstrado na prestação de serviços à Ordem, à Pátria e à Humanidade;
- XIII. Afirma que o sectarismo político, religioso e racial são incompatíveis com a universalidade do espírito maçônico;
- XIV. Combate a ignorância e superstição e a tirania.

De certa forma, a ideia é atentar para essa transição que a maçonaria passou. Falamos de dois períodos distantes, uma maçonaria definida no período medieval, que se tratava da maçonaria operativa, e outra ao tratarmos de uma maçonaria mais contemporânea, utilizando do uso da filosofia e filantropia para erguer e unir seus membros de forma igualitária sem distinção de classe social ou política.

De fato, atualmente, a maçonaria, por ser uma instituição que se define como filosófica e filantrópica, procura, em suas reuniões, transmitir os preceitos, de acordo com o artigo 1º da Constituição Maçônica do Grande Oriente do Brasil, citado anteriormente. As reuniões maçônicas acontecem nos templos maçônicos, que, de acordo com Sergio Pereira Couto, em seu livro *Dicionário Secreto da Maçonaria*, são lugares:

[...] onde acontecem os trabalhos dentro das Lojas⁸. Cada Templo segue uma arquitetura inspirada por diretrizes estabelecidas e retiradas das Sagradas Escrituras, além de que obedecem à situação solar e usam símbolos estabelecidos desde eras remotas, que dividem o espaço em partes distintas. (COUTO, 2009, p. 456).

Suas reuniões seguem um padrão ritualístico⁹, de acordo com cada grau e cada rito¹⁰ escolhido pela Loja.

Segundo o autor Alexandre Mansur Barata, é importante compreender que esse espaço de convívio entre os membros da maçonaria passa a ser um ambiente de diálogo de pensamento, com fins de aperfeiçoá-los dentro dos preceitos que a maçonaria estabelece na sua constituição.

A maçonaria deixava de lado as preocupações tipicamente ligadas ao exercício da profissão de pedreiro, para se dedicar ao aperfeiçoamento moral e intelectual dos seus membros. Ela se transformava cada vez mais em uma espécie de “sociedade de pensamento” de caráter cosmopolita e secreto, reunindo homens de diferentes raças, religiões e línguas, com o objetivo de alcançar a perfeição moral por meio do simbolismo de natureza mística e/ou racional, da filantropia e da educação (BARATA, 1999, p. 64).

De maneira geral, a ideia não é atentar para os detalhes de como funciona a instituição, e sim, compreender essa transição que houve entre esses dois momentos vivenciados pela referida instituição maçônica.

1.3 FUNDAÇÃO DA MAÇONARIA NO BRASIL

Quando nos reportamos a pensar sobre o estudo da fundação da maçonaria no Brasil, percebemos que poucos ainda são as produções historiográficas que analisam a chegada da instituição no território brasileiro. A maioria dos livros que tratam especificadamente dessa temática, são ou foram produzidos por membros da instituição, como o caso de José Castellani, citado várias vezes ao longo desse trabalho. O seu caso, em especial, produziu um vasto leque

⁸**Lojas:** termo dado a todas as Lojas Maçônicas que existem, seguido por uma numeração. Como por exemplo a Loja Maçônica Jose Rodovalho de Alencar nº 2912, situada na cidade de Cajazeiras – PB.

⁹**Ritualístico:** padrão que segue as reuniões maçônicas, de acordo com o rito que a loja adota.

¹⁰**Rito:** A palavra rito na Maçonaria, tem dois sentidos diferentes: quando se escreve Rito (com letra maiúscula) É um conjunto de graus maçons, formando um todo coerente para designar um Rito particular da Maçonaria (Escocês Antigo e Aceito, Andorinamita, York, etc.). A palavra rito (com letra minúscula), é um conjunto de regras que fixam o desenvolvimento e as formas de trabalho em Loja os diversos cerimoniais como: (rito de despojar dos metais, o desenvolvimento dos trabalhos dentro de uma Loja.

de possibilidades de leituras, fazendo ligações entre a história da maçonaria brasileira e sua luta e participação nos movimentos que marcaram a história do Brasil.

Segundo Jose Castellani, pressupõe que existiu presença da maçonaria no território brasileiro por volta do século XVIII. Não se sabe de fato, se a presença da maçonaria foi por uma loja regular, ou se foi presença de membros da instituição que desembarcaram no Brasil vindos de outros países.

Existem autores que, aproveitando um período nebuloso e de total falta de registro históricos falam da existências de lojas, principalmente na Bahia, nos meados do século XVIII, o que, por falta de qualquer prova documental, é uma afirmação tão temerária quanto aquela dos que aponta os conjurados mineiros, principalmente o Tiradentes, como maçons, sem que haja nenhum apoio histórico documento para tal afirmação (CASTELLANI, 2009, p. 27).

A falta de documentos para confirmar determinado acontecimento histórico, principalmente a maçonaria que se trata ser uma instituição tão antiga, abre espaço para a criação de muitos discursos a respeito da sua presença e chegada ao Brasil, o fato é que a primeira loja maçônica regular no Brasil foi fundada no ano de 1801 na cidade do Rio de Janeiro.

A primeira loja regular instalada e fundada no Brasil foi sob obediência de outro país. De acordo com Pontes (2010, p.11), “foi fundada em 1801, no Rio do Janeiro, que tinha fins puramente político-sociais, era filiada ao Oriente da França”, sendo que a maioria dos seus membros eram ligados a política nacional, ou faziam parte da elite local, fazendeiros ou comerciantes.

Não muito adiante, três anos após fundada a primeira loja, outra obediência da maçonaria, desta vez pertencente a Portugal, buscava fundar novas lojas no território brasileiro por meio do chamado Grande Oriente Lusitânia, que em “1804 fundou duas novas lojas; Constância e Filantropia, no Rio de Janeiro” (RIBEIRO, 2015, p. 28). Contudo, percebeu-se que no Brasil era bastante propício para propagar a maçonaria, agora sob uma nova obediência, desta vez vinculada a Portugal, haja visto que no Brasil existia somente uma loja maçônica.

A maçonaria brasileira, desde o seu início, passou por diversos momentos conturbados ao longo de sua fundação e permanência dentro do território brasileiro. Uma delas com o decreto governamental em 1818, que proibiu o funcionamento das sociedades secretas no Brasil.

Desta forma, a Maçonaria ao chegar às terras brasileiras – oficialmente nos primeiros anos do século XIX – trazia em sua bagagem acusações e desconfianças tanto das autoridades civis quanto eclesiásticas. Ao mesmo tempo em que se inauguravam novas Lojas Maçônicas, particularmente, no Rio de Janeiro, em Salvador e em Recife, também crescia o número de documentos e cartas enviadas pelos súditos ao rei D. João VI pedindo fechamento de tais corporações (COSTA, 2009, p. 28).

Não é de se estranhar ter havido rejeição por parte das autoridades do Brasil, com a chegada e a propagação das lojas maçônicas no território brasileiro, ainda hoje quando se falam em maçonaria, várias metáforas sobre a instituição são criadas, talvez por ser uma instituição secreta, ou por falta de conhecimento e leitura sobre o tema, a sociedade ainda critica a mesma.

A Loja Comércio e Artes, fundada em 1815, teve relevante participação nos esforços para reerguer as atividades maçônicas no Brasil em meados de 1821. Era necessário, nesse momento, ser instalado no Brasil uma obediência própria e tipicamente nacionalizada, sem ser jurisdicionada a nenhum outro país. Deveria cumprir com algumas exigências dos padrões maçônicos internacionais, para ter uma obediência própria, o país precisaria ter, no mínimo, três lojas que trabalhassem nos esforços posteriormente, em propagar a maçonaria nos demais cantos do país.

Os maçons brasileiros, buscavam uma unificação, que pudesse agrupar em uma única obediência a maçonaria no território brasileiro. A partir de então, surgiram lojas maçônicas importante que juntaram esforço para fundar o Grande Oriente do Brasil. “Para viabilizar a criação do primeiro Oriente no Brasil, os maçons da loja Comércio e Artes decidiram estrategicamente desmembrá-la em outras três novas lojas: Idade de Ouro, União e Tranquilidade – e Esperança de Niterói” (RIBEIRO, 2015, p. 29).

De maneira geral, a maçonaria, após ter se solidificado no território brasileiro, com sua obediência própria, o Grande Oriente do Brasil, com diversas lojas já espalhadas no país, passa a ser uma influenciadora dentro da sociedade brasileira, passando a ser exemplo de patriotismo, de instituição filantrópica social, em busca de exercer influência na sociedade. Não é por acaso que a maçonaria esteve presente em eventos históricos que marcam a história do Brasil, a exemplo da independência do Brasil.

Em manifesto publicado em 1831, José Bonifácio afirmava que a criação do Grande Oriente do Brasil estava associada à necessidade de distanciar-se do Império Português. O manifesto de José Bonifácio era uma tentativa de imprimir protagonismo maçônico na ação que resultou na emancipação política do país. O evento histórico, assim como o processo abolicionista e a mudança do regime político monárquico para o republicano, seria também

evocado pela maçonaria como um dos acontecimentos articulados nos bastidores da organização maçônica (RIBEIRO, 2015, p. 29).

O uso da filantropia maçônica foi sempre o carro chefe para destinar benefícios à sociedade brasileira ao longo da sua história, aconteceu na Independência do Brasil, como também no processo de abolição do trabalho escravo. Nesse caso, atentar-nos-emos, em especial, para a ação filantrópica, contribuição e atuação da maçonaria brasileira em meio aos movimentos abolicionistas.

2 A ESCRAVIDÃO NO BRASIL E A LUTA EM DEFESA DA LIBERDADE

Não há como tratar a escravidão no Brasil, caracterizada por um longo período de tempo, que abrange três séculos de existência, sem antes apresentar um breve contexto histórico da mesma, na ideia de situar melhor dentro do tema proposto e realçando a complexidade, que é analisar seu o contexto.

É inegável que, desde o início da colonização do Brasil, milhares de homens, mulheres e crianças foram trazidos de diversas partes do continente africano, sendo tratados como mercadorias para serem escravizados. Durante mais de três séculos (do século XVI ao XIX) a escravidão foi praticada e aceita sem que as classes dominantes questionassem a legitimidade do cativo (COSTA, 2008, p. 17). Ao longo de mais de trezentos anos, tinham uma única função no solo brasileiro, que era servir e trabalhar exaustivamente para senhores grandes proprietários de terras, pessoas essas que, muitas vezes, eles nem conheciam, porém detinham todo domínio do seu corpo e suas vontades, em um único benefício, trabalhar para garantir o enriquecimento e boa qualidade de vida de seus dominantes, sem nenhuma recompensa possível que fosse garantida.

Infelizmente, nem todo mundo tem a noção do quanto extenso foi o comércio de pessoas negras do sexo masculino e feminino trazidos da África para o Brasil. Para ter uma dimensão e tentar compreender o quão longo foi a escravidão no Brasil, Gomes (2007) mostra um pouco desses dados:

Entre os séculos XVI e XIX, cerca de 10 milhões de escravos africanos foram vendidos para as Américas. O Brasil, maior importador do continente, recebeu quase 40% desse total, algo entre 3,6 milhões a 4 milhões de cativos. Segundo as estimativas aceitas pela maioria dos pesquisadores (GOMES, 2007. p. 242).

A América Portuguesa não era o único território do continente americano que comprava e recebia esses escravos, outros territórios vizinhos utilizavam-se da mesma prática, porém o Brasil, pelo seu extenso território, necessitava cada vez mais de mão de obra escrava vinda da África.

Segundo Emília Viotti da Costa, mesmo que o discurso escravista, “reconhecesse que a escravidão fosse condenável em termos morais, argumentavam que ela era um mal necessário, pois economia nacional não poderia funcionar sem o escravo”. (COSTA, 2008, p. 21). Os lucros

que se tinham com o comércio de pessoas, negros escravizados trazidos da África era tão grande que, além de movimentar muito dinheiro, mantinha a economia nacional naquele período.

Para ser ter uma ideia em números acerca do que rodava dentro da economia brasileira com o tráfico de escravos:

Os lucros do negócio eram astronômicos. Em 1810, um escravo comprado em Luanda por 70.000 réis, era vendido no Distrito Diamantino, em Minas Gerais, por até 240.000 réis, ou três vezes e meia o preço pago por ele na África. (...) só em impostos, o Estado recolhia cerca de 80.000 libras por ano com o tráfico negreiro. Seria hoje o equivalente a 18 milhões de reais. (GOMES, 2007, p. 242 - 243).

Esses números nos levam a imaginar o quão lucrativo foi o período da escravidão brasileira, tanto para quem comercializava escravos, que ia buscá-los na África até o Brasil, como também para quem os comprava, pois iria ter mão de obra barata, para fazer suas vontades.

O grande obstáculo, de certa forma, seria romper com essa velha maneira de tratar o negro como mercadoria, dentro de um regime escravocrata, que, ao tempo que necessitava do trabalho escravo para aquecer e ampliar a economia, por outro, não abria espaço para desenvolver maneiras que pudesse igualar e romper com essa realidade. Os discursos dos escravistas eram os mais diversos que se possa imaginar, dizia-se, por exemplo, que a “escravidão era benéfica para o negro, pois que o retirava da barbárie em que vivia para introduzi-lo no mundo cristão e civilizado”. (COSTA, 2008. p.21). Enxergavam no negro um sujeito incapaz de se socializar no mundo civilizado e em constante crescimento intelectual e moral. Os escravocratas ainda “acreditavam que o fim da escravidão, seria a ruína do país” (COSTA, 2008, p. 21). Essa foi a opinião que acabou por predominar entre as elites, tanto na questão de ver o negro como raça inferior, como na questão econômica do país, acreditavam na sua falência com o fim da escravidão.

Embora muitos discursos ditos por partes daqueles mais conservadores e radicais, crescia as opiniões que a escravidão era um mal que necessitava ser contido. Segundo as observações de Emília Viotti da Costa (2008. p.40), “[...] o mundo estava se desenvolvendo tanto moralmente quanto intelectualmente, consideravam que a escravidão era uma instituição ultrapassada, arcaica, símbolo do atraso do país”. Sendo assim, estava no momento de o Brasil também dar um fim a escravidão em seu território.

O Brasil estava assistindo outras nações defendendo o fim da escravidão, exemplo disso, estava vindo das nações vizinhas, como Argentina e Venezuela, que aboliram a escravidão. Esse exemplo também atravessava o oceano e chegava até as nações europeias, abolindo a escravidão gradualmente, na medida que o trabalho escravo não atendia mais suas demandas internas. Ângela Alonso irá nos mostrar vários países abolindo a escravidão:

O fim da escravidão aconteceu em 1851 em Nova Granada (Colômbia); em 1852, no Havá; em 1853, na Argentina; em 1854, no Peru e na Venezuela; em 1855, na Moldávia. 1860 e 1861, sistema de servidão foram abolidos na Índia e na Rússia, respectivamente; em 1862 acabou a escravidão na Guiana Holandesa e, no ano seguinte, nas demais colônias bávaras. Apenas em 1869, Portugal a extinguiu em suas colônias africanas, e durou até 1873 o tráfico em Zanzibar e Madagascar (ALONSO, 2014, p. 122).

Ainda segundo as observações Ângela Alonso (2014, p. 122), “[...] o caso brasileiro precisa ser entendido como parte dessa sequência”. Ao lado de países como Argentina e Venezuela, que já haviam abolido a escravidão pós 1850, o Brasil passaria a ser parte dessa sequência de países sul-americanos a aboli-la.

De certa forma, o Brasil presenciou nações muito menores em território e em desenvolvimento econômico já terem abolido o trabalho escravo, e sendo um país maior tanto em território quanto economicamente, continuava a manter esse antigo regime a todo vapor.

Contudo, a partir da segunda metade dos anos 1860, “[...] o cenário internacional deixou o Brasil na situação incomoda de candidato a última nação escravista do mundo civilizado” (ALONSO, 2014, p. 123). Sendo tratado como país atrasado civilizadamente aos olhos das outras nações menos desenvolvidas, o Brasil necessitava colocar em prática a ideia de abolir escravidão.

Segundo Ângela Alonso, (2014, p. 119), ela nos contempla ao considerar que “não se pode tratar dos abolicionistas sem atentar para os atores de contrapeso: os escravistas”. A autora atenta que, ao imaginar um movimento social em defesa de algum direito que venha a beneficiar a sociedade, como é caso da abolição da escravidão que estamos tratando, não devemos deixar de lado o outro lado da história, os escravocratas, aqueles senhores proprietários de escravos, que, de certa forma, com o fim da escravidão iria gerar enormes perdas dentro das suas propriedades, pela falta de mão de obra barata.

A dificuldade em romper com esse velho regime escravista, presente e enraizado dentro das elites da época, tanto dificultou, como alongou por muitos anos o trabalho escravo no Brasil,

é difícil romper com políticas que de certa forma só beneficiava a elite, com pessoas que tinham um certo prestígio dentro da sociedade, nos remetendo aos escravocratas.

Aos poucos, mesmo contrariando os anseios das elites da época, foi se construindo uma luta, que teria o seu apogeu na década de 80 do século XIX, “[...] na qual iriam se destacar nomes maiúsculos do movimento abolicionista, como Luís Gama, Antônio Bento, José de Patrocínio, Joaquim Nabuco, Silva Jardim, Ruy Barbosa e outros”. (CASTELLANI, 1998, p. 51). Esses personagens tem o reconhecimento do seu trabalho destinado na luta em defesa da abolição da escravidão, destacado em vários trabalhos desenvolvidos ao longo da historiografia brasileira.

De acordo com Costa (2008, p. 37), “[...] o número de pessoas interessadas no problema do escravo crescia”. Grande já era o número de pessoas importantes e de prestígio dentro da sociedade que compartilhava com a causa emancipadora dos escravos, como é caso de Luiz Gama, Joaquim Nabuco, entre outros. Porém, além dessas pessoas, algumas instituições privadas também aderiam e procuravam contribuir para a causa abolicionista, como é caso da Maçonaria.

Muitas eram as formas de levar o movimento abolicionista adiante, pelo uso do espaço público, por meio de manifestações e diálogo para mostrar para a sociedade o problema da escravidão, como forma a sensibilizar tanto a sociedade, como as instituições privadas organizadas:

Os abolicionistas brasileiros se inspiraram em formas de organização (associações específicas), espaços de expressão (parlamento, espaço público, clandestinidade) e estratégias de ação (manifestações públicas coletivas, iniciativa institucionais, ações de confrontação) que encontraram disponível. (ALONSO, 2014. p. 124).

As diversas maneiras de propagar a defesa pelo fim da escravidão serviram para que movimentos abolicionistas pudessem atingir todas as classes da sociedade brasileira, sendo ela pobre ou rica. O uso dos jornais, teatro, música e manifestações em massa, foram algumas das práticas que existiram dentro do movimento abolicionista brasileiro. Diante disso, iremos ponderar acerca da presença da maçonaria brasileira dentro do cenário abolicionista no Brasil.

2.1 PARTICIPAÇÃO DA MAÇONARIA NO MOVIMENTO ABOLICIONISTA NO BRASIL

Uma das primeiras instituições destinadas a libertação dos escravos fundada sob a influência da maçonaria foi a “Sociedade Brasileira Contra a Escravidão, ideia concebida pelo renomado maçom Joaquim Nabuco, em 9 de julho de 1880” (SCHIAVON, 1999. p. 102). Como instituição, a maçonaria prega os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade entre os povos, muitos desses abolicionistas que atuaram frente a causa emancipadora eram membros da maçonaria naquela época, e traziam esses preceitos maçônicos para implementar dentro da sociedade.

Segundo Renata Ribeiro Francisco (2015, p. 03), entre os preceitos da maçonaria como instituição é que não haja distinção por raça, cor, religião ou origem social. Nesse sentido, o espaço maçônico era propício para defender a causa abolicionista, apesar de ser uma instituição que a maioria dos seus membros pertencerem a elite da época, eram eles comerciantes, fazendeiros, políticos entre outros.

A maçonaria passou a ser reconhecida por parte daqueles que trabalhavam frente a causa abolicionista, como é caso de Nabuco e Luís Gama, como uma instituição organizada, que procurava repassar seus valores e preceitos para sociedade. Nesse sentido, a maçonaria passou a ser vista como uma grande instituição que poderia ser grande colaboradora na causa abolicionista no Brasil.

Para dar maior visibilidade aos movimentos abolicionistas que estavam se formando no Brasil, a maçonaria passa a ser vista como uma instituição que contribuiria para conscientizar e juntar esforços para pôr fim a escravidão no Brasil. Na segunda metade do século XIX, já existia uma grande quantidade de lojas maçônicas espalhadas em todo Brasil, que de certa forma, poderia se torna uma união cada vez maior entre essas lojas maçônicas, para juntar esforços em defesa da abolição da escravidão.

Tendo em vista o amplo espaço de diálogo e conscientização que havia dentro das lojas maçônicas, atentava-se para a promoção de um discurso que denunciava o grave problema social que a escravidão trazia para o Brasil. A maçonaria, precisava dar a sua parcela de contribuição frente a esse problema que estava presente dentro da sociedade brasileira. Sendo assim utilizou-se do ambiente maçônico, para promover ações filantrópicas que pudessem beneficiar a população escravizada. Segundo Jose Castellani:

Foi quando começaram, realmente, com maior ênfase, os movimentos maçônicos, nas lojas, com a finalidade de promover alforrias de escravos e de impedir que os seus membros e os candidatos a iniciação maçônica mantivessem escravos, ou contribuíssem para que o tráfico negreiro não fosse estancado, enquanto as iniciativas individuais de maçons contribuíam para fugas em massa de escravos e a sua proteção para evitar a recaptura (1998, p. 51 e 52).

A maçonaria passou a promover ações dentro de sua instituição interna, que viriam a beneficiar a sociedade negra escravizada, a iniciativa da instituição era fazer com que seus membros não colaborassem e nem contribuíssem para o aumento do tráfico de escravos, sendo assim, algumas proibições foram colocadas para que seus membros não mantivessem mais escravos, mesma regra serviria para os novos membros que desejassem ingressar nas lojas.

Sendo assim, passaremos a analisar as contribuições e ações filantrópicas que a maçonaria brasileira, por meio das diversas lojas espalhadas no Brasil, pôde destinar, frente do principal problema que perpetuava no Brasil há anos, que era o trabalho escravo.

2.2 ESFORÇOS DAS LOJAS MAÇONICAS BRASILEIRAS EM CONTRIBUIR PARA FIM TRABALHO ESCRAVO

Não era necessário a loja maçônica ter vários anos de fundação, ou ter um vasto quadro de membros participantes para promover algo que pudesse beneficiar os escravos e colaborar de alguma forma para o fim da escravidão. De acordo com José Castellani:

A Loja “Piratininga”, uma das mais tradicionais Oficinas Maçônicas de São Paulo e do Brasil, embora fundada em 28 de agosto de 1850, na capital de São Paulo, já em sua 15ª Sessão, realizada a 28 de outubro de 1850, apenas dois meses após a fundação, aprovava uma proposta para que um dos quesitos das sindicâncias dos candidatos à Iniciação seria dirigido no sentido de saber “se o Prof .: se dá ao detestável comércio de carne humana” (CASTELLANI, 1998, p. 51).

O autor Jose Castellani nos propõe pensar acerca da preocupação da maçonaria, poucos dias após a sua fundação, em só aprovar uma proposta de um candidato que desejasse iniciar no quadro de membros da loja, que não compactuasse com o comércio da *carne humana*, referindo-se ao comércio de escravos que havia dentro das fazendas de café na região de São Paulo. De certa forma, essa iniciativa leva a crer que a maçonaria, apesar de ainda não estar trabalhando diretamente na causa abolicionista, no sentido de promover colaboração

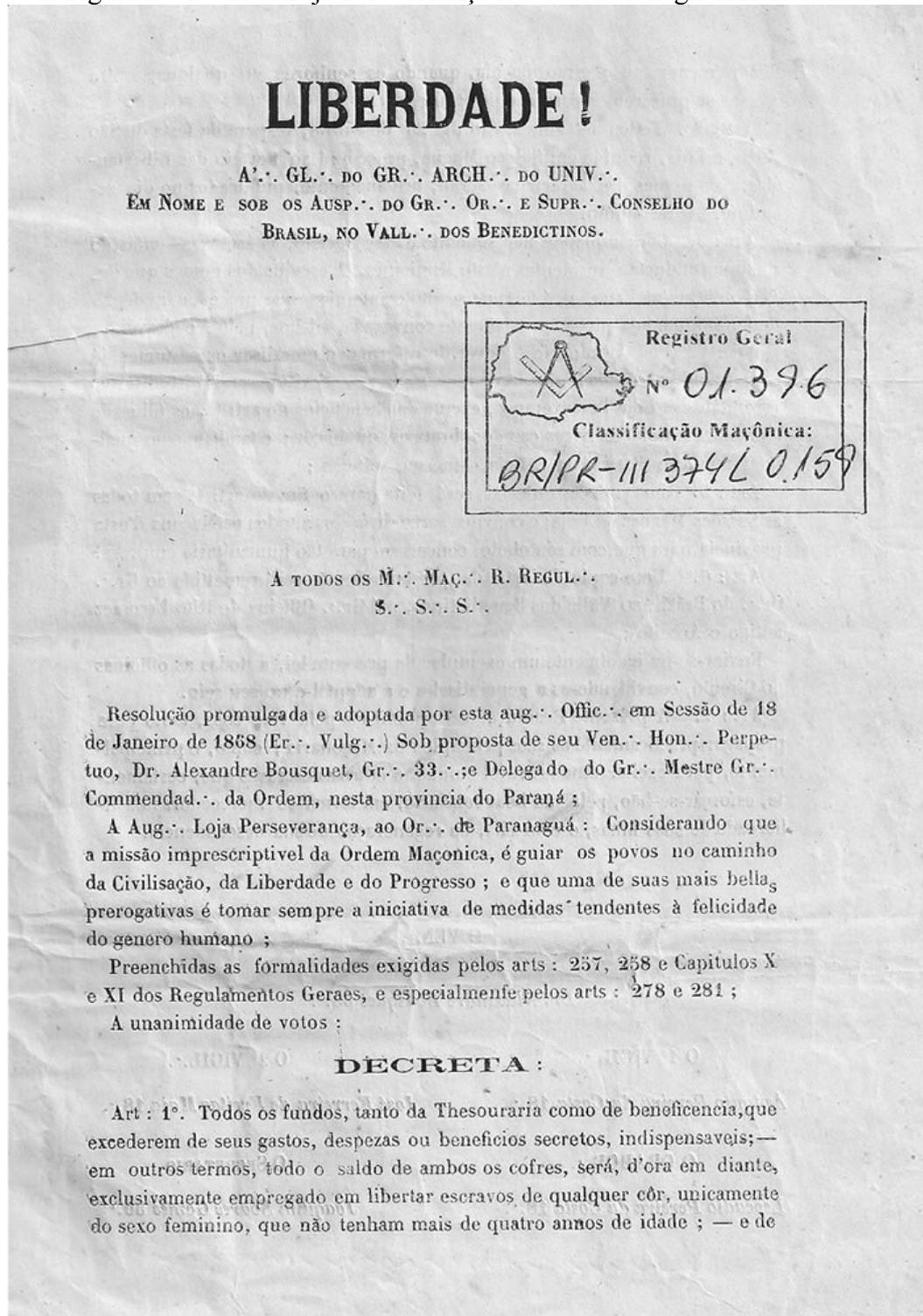
filantrópica a determinado escravo, buscava, dentro da instituição, no âmbito secreto, barrar aqueles que contribuíssem para que o problema da escravidão viesse aumentar cada vez mais no país.

Muitas foram as contribuições dos maçons, em sua individualidade, além da própria instituição maçônica como um todo, para acabar com a escravidão e amenizar os sofrimentos dos negros enquanto o fim da escravidão não chegava. Unindo ações individuais dos seus membros, com ações mais amplas que englobassem as lojas maçônicas, realizaram ações como criação de sociedade abolicionista, jornais financiados pelas lojas, compra de alforrias de escravos e unindo ações de membros em particulares, no caso de médicos ou advogados, que prestavam seus serviços de forma gratuita em benefício aos escravos.

Cabe agora ressaltar um pouco das contribuições que a maçonaria, com a ajuda dos seus membros, deu em favor da abolição da escravidão, atentando para analisar do quanto foram importantes essas ações.

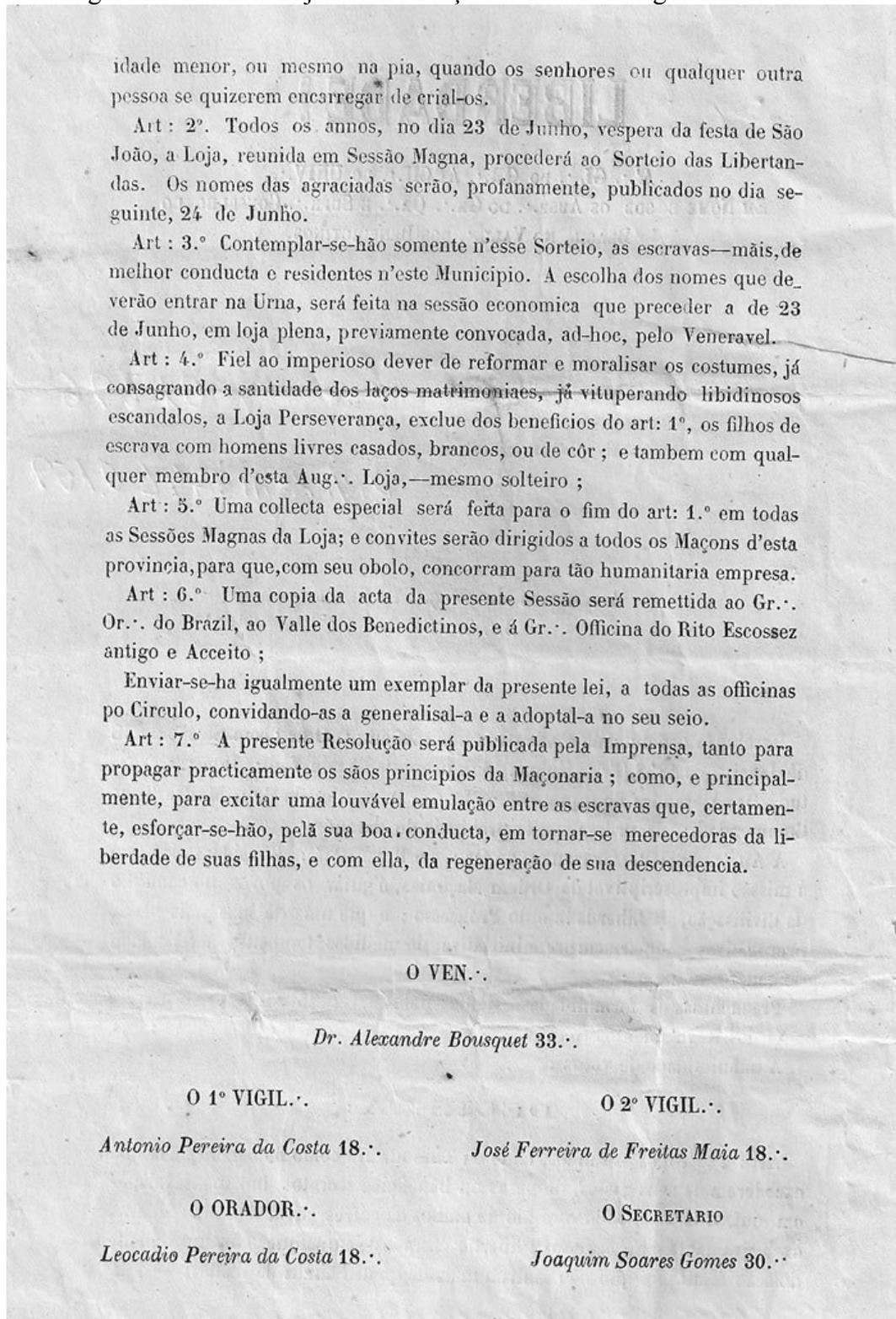
As imagens a seguir mostram, que a Loja Maçônica Perseverança da cidade de Paranaguá – PR, por meio de decreto, prioriza ações filantrópicas que seriam destinadas a compra de alforria para libertar escravos.

Figura 1 – Decreto Loja Perseverança nº 0159. Paranaguá-PR. Parte. 01



Fonte: http://www.museumaconicoparanaense.com/Decreto_Libertacao-escravos.htm. Acesso em: 18 nov. 2019.

Figura 2 – Decreto Loja Perseverança nº 0159. Paranaguá-PR. Parte. 02



Fonte: http://www.museumaconicoparanaense.com/Decreto_Libertacao-escravos.htm. Acesso em: 18 nov. 2019.

A partir desse decreto, foi decidido que os gastos que excedessem as despesas internas da loja, seria utilizado para compras de alforrias de escravos. Decidiu-se também que todos os

anos no dia 23 de junho, em comemoração ao dia de São João, que por sinal é padroeiro da instituição, seria promovido sorteio de alforrias para as escravas, dando oportunidade as escravas de boa conduta e residente na localidade da loja. O benefício da alforria era excluído para filhos de escravas com homens livres, casados e até mesmo da própria instituição.

Ações como essa, por meio de decreto dentro da loja, serviu para expandir a ideia da causa abolicionista além da fronteira do estado do Paraná. O propósito era fazer com que os membros da maçonaria, unidos da mesma ideia, trabalhassem juntos com a sua loja, em prol da abolição.

O artigo 1º do decreto da loja perseverança, mostra que o dinheiro arrecadado com o tronco de beneficência¹¹, que circula nas reuniões da loja seria destinado parte dessa quantia para libertar escravos do sexo feminino menor que quatro anos de idade.

Art. 1º. Todos os fundos, tanto da Thesouraria como da beneficência, que excederem de seus gastos, despesas ou benefícios secretos, indispensáveis; - em outros termos, todo o saldo de ambos os cofres, será, d'ora em diante, exclusivamente empregado em libertar escravos, de qualquer cor, unicamente do sexo feminino, que não tenham mais de quatro anos de idade; - e de menor, ou mesmo na pia, quando os senhora ou qualquer outra pessoa se quiserem encarregar de cria-los.

Podemos ver que a referida Loja Perseverança se utilizou deste decreto, para beneficiar e garantir a liberdade somente as crianças do sexo feminino de até 4 anos de idade com a sua compra de alforria. Ações como a desta loja, serviria também para que lojas de outras cidades também pudessem colaborar com a compra de alforrias para garantir libertação de algum escravo.

Segundo Jose Castellani, a Loja Perseverança III, do estado de São Paulo, também contribuiu para a causa abolicionista, com uma proposta que iria ser apresentada aos irmãos e contava com a aprovação de todos, para que parte da quantia em dinheiro que entrasse na loja, fosse destinado para liberta escravos.

Trago, subscrita por essa presidência, por Leite Penteado e por mi, a seguinte proposição que esperamos merecer a aprovação da Officina:
1º. A joia da iniciação será de 25\$000;
2º. A mensalidade de 15\$000;

¹¹ **Tronco de beneficência:** esse termo se refere ao saco que circula nas reuniões maçônicas, em que os membros colocam quantia que não irá lhe fazer falta, o uso dessa arrecadação ficará à disposição da loja, que poderá ser usado a beneficio da própria instituição ou destinado a alguma filantropia externa.

- 3°. Colocar-se-ha na Officina uma caixa, denominada “Emancipação” na qual os iniciados, a convite do Venerável e de qualquer irmão quando quieram, depositarão suas ofertas;
- 4°. O producto dessa caixa será exclusivamente destinado á libertação de crianças do sexo feminino, de 2 a 5 annos de idade;
- 5°. As crianças assim libertadas ficam sob a protecção da Loja;
- 6°. Serão absolutamente prohibidos os banquetes, ceias, copos d’agua, que o uso tem admittido nas iniciações, devendo o venerável convidar os recipientes para converter as quantias que dispenderiam com isso em donativos á CAIXA DE EMANCIPAÇÃO;
- 7°. Serão criadas escolas para adultos e menores. As escolas serão nocturnas e mantidas pelas Officina, para o ensino gratuito das primeiras letras (1998, p. 58, 59).

Sendo assim, podemos ver a proposta apresentada pela loja Perseverança III do estado de São Paulo, procurava de certa forma que a loja pudesse dar a referida ajuda em beneficio da libertação dos escravos, utilizando de mensalidades dos seus membros e abdicando de alguns gastos que podiam ser evitados, para acumular receita que pudesse ajudar a libertar um escravo.

José Castellani analisa que lojas brasileiras e muitos maçons, “independentemente das Obediências a que pertenciam, tornaram-se figuras exponenciais do movimento, não só pelas propagandas em favor da total abolição da escravatura, mas, também, pela ação efetiva na libertação e na proteção de escravos fugidos” (CASTELLANI, 1998, p. 54). A ação efetiva por parte das lojas maçônicas independentemente do local que ela estivesse, trouxe beneficios para os escravos, muitas das lojas brasileiras trabalharam fortemente em defesa do fim da abolição.

No registro da Ata da Loja Philantropia e Liberdade, podemos perceber que os maçons da referida loja, uniram-se e deram sua contribuição a libertação de algum escravo. A ata da reunião traz ação referente ao tronco de beneficência, que foi repassado a todos os irmãos que estavam presentes no dia da reunião e rendeu a quantia que seria destinada a compra de alforria do escravo:

Aos 18 dias do mês de Setembro da E.: V.: , e 5835 da V.: L.: reunidos em sua sede, sita à Rua da Igreja, n 67, em lugar clarissimo, forte e terrível aos tiranos, situado abaixo da abobada celeste do zênite, aos 30° sul e 5° de Latitude da América brasileira, ao vale de Porto Alegre, Província de São Pedro do Rio Grande, nas dependências do gabinete de leituras onde funciona a Loj.: Maç.: PHILANTROPIA E LIBERDADE, com o fim de, especificadamente, traçarem as metas finais para o início do movimento revolucionário com que seus integrantes pretendem resgatar os brios, os direitos e dignidade do povo Riograndense. A sessão foi aberta pelo Ven.: Mestre Ir.: Bento Gonçalves da Silva. Registra-se, a bem a verdade, ainda as presenças dos Ir.: José Mariano de Matos, ex Ven.: Mestre, José Gomes de Vasconcellos Jardim, Pedro Boticário, Vicente de Fontoura, Paulino de Fontoura, Antônio de Souza Neto e Domingos José de Almeida, o qual serviu como secretário e lavrou a

presente ata. Logo de início o Ven.: Mestre, depois de tecer breves extraordinário, informou a seus pares que o movimento estava prestes a ser desencadeado. A data escolhida é o dia vinte de setembro do corrente, isto é, depois de amanhã. Nesta data, todos nós, em nome do rio grande do Sul, nos levantaremos em luta contra o imperialismo que reina no país. Na ocasião ficou acertada a tomada da capital da província pelas tropas do Ir.: Vasconcellos Jardim e Onofre Brancas, que deverão se deslocar desde a localidade de Pedras Brancas, quando avisados. Tanto responderam que estariam a postos aguardando o momento para agirem. Também, se fez ouvir o nobre Ir.: Vicente de Fontoura, que sugeriu o máximo cuidado, pois certamente, o Presidente Braga seria avisado do movimento. ***O tronco de Beneficência fez a sua circulação e rende a medalha cunhada de 421\$000, contados pelo Ir.: Tes.: Pedro Boticário. Por proposição do Iir.: José Mariano de Matos, o Tronco de Beneficência foi destinado a compra de uma Carta de Alforria de um escravo de meia idade, no valor de 350\$000, proposta aceita por unanimidade.*** Foi Realizada poderosa Cadeia de União pela justiça e grandeza da causa, pois em nome do povo Riogranense, lutariam pela Liberdade Igualdade, e Humanidade, pediam a força e a proteção do G.: A.: D.: U.: para todos os Ir.: E seus companheiros que iriam participar das contendas. Já eram altas horas da madrugada quando os trabalhos foram encerrados, afirmando o Vem.: Mestre que todos deveriam confiar nas LL.: Do G.: A.: D.: U.: e, como ninguém mais quisesse fazer uso da palavra, foram encerrados os trabalhos, do que eu, Domingos José de Almeida, Secretario, tracei o presente Balaústre, a fim de que a história, através dos tempos, possa registrar que um grupo de maçons, homens livres e de bons costumes, empenhou-se com o risco da própria vida, em restabelecer o reconhecimento dos direitos desta abençoada terra, berço de grandes homens, localizada no extremo Sul de nossa querida Pátria.

Oriente de Porto Alegre, aos dezoito dias do mês de setembro de 1835 da E.: V.:, 18º dia do sexto mês Tirsi da V.: L.: do ano de 5835.

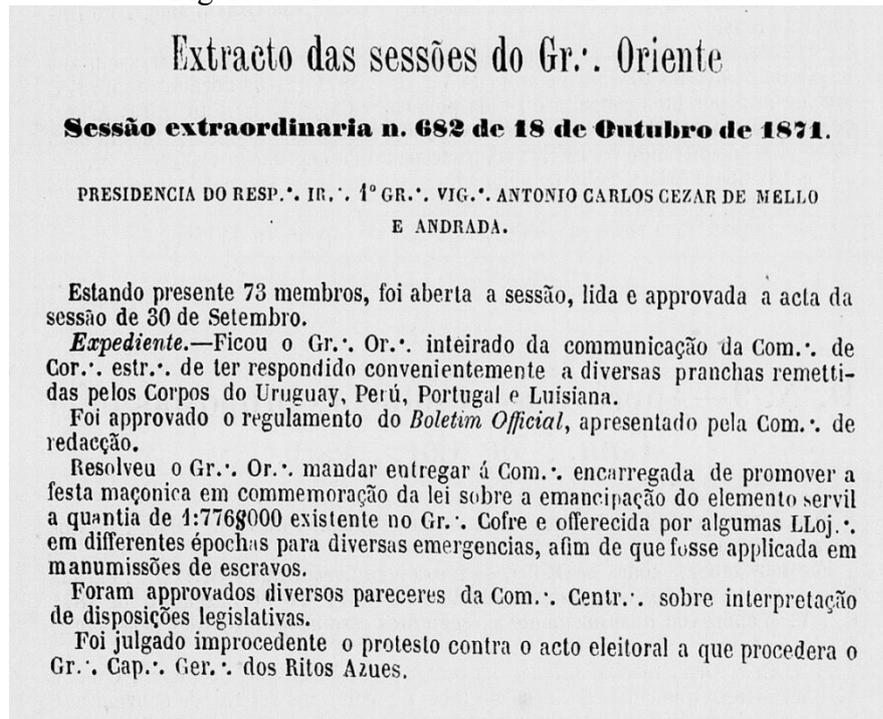
Irmão Domingos José de Almeida. Secretário (BALAÚSTTE nº 67 – Loj. Maç. PHILANTROPIA E LIBERDADE).

O uso dos decretos e ações filantrópicas dentro das lojas maçônicas era a principal forma de sensibilizar seus membros para os problemas que existiam no Brasil naquele período, apesar de nesse contexto, a maçonaria estava empenhada para luta contra o imperialismo que havia no Brasil, ainda conseguia contribuir de forma satisfatória para sanar o problema da escravidão.

As festas maçônicas também foram espaços propícios para agregar a ação emancipatória de contribuição maçônica. Unia-se a visita de membros de lojas coirmãs com propósito de promover e arrecadar boa quantia em dinheiro que pudesse ser destinado a manumissões¹² de escravos, como traz Extrato das Sessões do Gr.: Oriente, data 18 de outubro de 1871:

¹²**Manumissões:** esse termo é usado para a liberdade concedida ao escravo, pelo senhor ou pelo comprar de sua alforria.

Figura 3 – Ata da sessão do Grande Oriente



Fonte: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709441&pesq=>

Acesso em: 18 nov. 2019.

Essa festa da maçonaria serviria além de promover a libertação a compra de alforria de algum escravo, também ajudava a mostrar tanto para a sociedade quanto para os demais membros maçons, que a maçonaria estava empenhada em dar sua contribuição para libertação dos escravos no Brasil.

A maçonaria, por ser uma instituição filantrópica, bem como buscando espaço na sociedade, necessitava colocar seus ideais de liberdade, igualdade e fraternidade em evidência. O uso da *Imprensa* foi uma ferramenta que serviu para atingir as elites como também a massa da sociedade.

De acordo com Renata Ribeiro Francisco, as ações filantrópicas que a maçonaria fazia, acabava sendo manchete nas páginas dos jornais. O uso da imprensa, de certa forma, colocava em evidência as atividades da instituição na causa abolicionista. As “notícias de alforrias de escravizados, realizadas por lojas maçônicas, repercutiam nas páginas dos jornais paulistas na segunda metade do século XIX [...]” (FRANCISCO, 2015, p. 71).

O uso da imprensa foi uma estratégia com o propósito de divulgar as ações da maçonaria, informando para a sociedade as ações que a instituição destinou a causa abolicionista.

A publicação dessas atividades maçônicas se tornou uma prática recorrente. Os próprios maçons, com auxílio e financiamento de parte de seus membros, criaram jornais nos quais podiam divulgar suas atividades em meio a sociedade, deixando a maçonaria num espaço de influência e exemplo a ser seguido, abrindo espaço para que a sociedade pudesse perceber, até certo ponto, que a instituição não seria somente uma ordem regada de segredos e que também contribuíam em benefício daqueles menos favorecidos e que necessitam de ajuda.

O Jornal *O Pelicano*, ordem de propaganda da maçonaria, de 3 de novembro de 1897, trouxe como manchete a participação da maçonaria brasileira em meio aos movimentos abolicionistas e a sua forma de contribuir para o fim da abolição em meio a ações de suas lojas:

Figura 4 – *Jornal O Pelicano. A Maçonaria e a Moral*

Sr. Curgo Tellerio Curitiba

O PELICANO

Mantido com a contribuição espontânea dos Maçons

ORGAN DE PROPAGANDA DA MAÇONARIA no Estado do Paraná

Advoga exclusivamente os interesses da Grande instituição

Publicação quinzenal

REDACTORES-PROPRIETARIOS: Belisario Pernambuco e João Borges Lagos

34 - Rua Aquidaban - 34

Anno 1.º

Numero 3

Deus, Patria e Caridade

CURITIBA, 3 DE NOVEMBRO DE 1897

Humildade sem baixaza, Gravidade sem orgulho.

A Maçonaria e a Moral

Na estrada ampla e luminosa da beneficência e da civilização, a Maçonaria sempre fiel a seus respeitáveis símbolos, convicta de suas honrosas precedências, consegue perpetuar nas paginas da historia contemporanea os indeleveis vestigios da salutar propaganda da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade!

Ella penetra, coroada de louros e das bençãos dos infelizes, tanto no tugurio do proletario, como no solar dos Nabobos...

Sua missão é sempre abater os tyrannos e celebrar os heróes, deixando na sua passagem os sulcos resplandecentes dessa caudal com que inunda de graças as almas até então somente orvalhadas pelo pranto do desespero.

Concorre como elemento methodico para regularisar a politica dos povos, porem seus esforços só convergem para essa politica que representa a parte moral das nações e, jamais entra em seus planos o combate pelo ideal adstricto aos grupos ou agremiações partidarias.

Confirmando esse conceito de que : a Maçonaria só se preocupa com largueza de vistas do engrandecimento dos povos, pela educação politica, synthese da perfectibilidade social ; confirmando tão nobre missão civilisadora e por isso humanitaria, destaca-se com um deslumbramento sumptuoso a influencia da grande Instituição na renhida lueta mantida no abolicionismo !

Foi a Maçonaria que em 1852, pela palavra do benemerito Deputado á Assembléa Geral, Pedro Pereira Guimarães, apresentou-se propondo, pela primeira vez, a magna questão da libertação do ventre da escrava.

Foi no seio da Maçonaria que a idéa generosa de libertar os escravos teve o mais decidido empenho, vencendo todos os obstaculos e collocando a meritoria obra acima de todos os meios de manifestar a superioridade propria.

Conbe a cidade de Paranaguá ser o reducto de benemerencia, donde partio o primeiro triumpho empenhado, combate do altruismo maçónico contra a negregada escravidão!

A Loj. Perseverança, em sessão de 18 de Janeiro de 1868, sob proposta do seu Ven. Hon. Perpétuo Dr. Alexandre Bousquet, Gr. 33, resolveu, *nemine discrepante*, collocar-se, com os meios positivos de acção, ao lado dos captivos, e, com tão nobre intuito, decretou : — Todo o saldo disponível do cofre da Loj. inclusive o rendimento eventual do Tron. de Ben. seriam applicados desde aquella data ao fim exclusivo de libertar escravos do sexo feminino que não tivessem mais de quatro annos de idade e, os de idade menor seriam libertos na pia baptismal, desde que alguém quizesse se encarregar de criá-os.

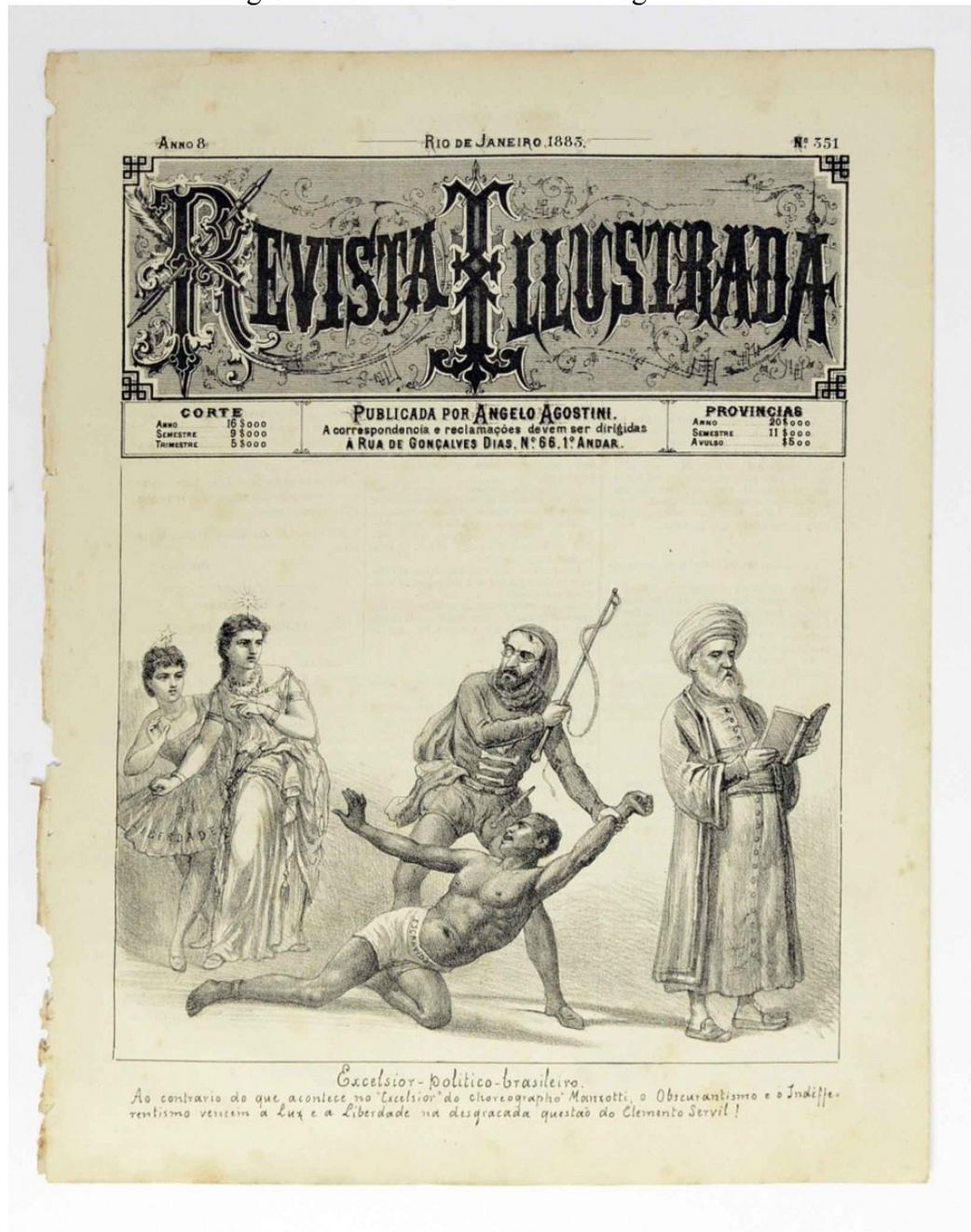
Com o proposito louvavel de moralizar os costumes, dando assim uma prova constante da abnegação da Maçonaria ; congraçando a familia nos principios da verdadeira decencia social, ao mesmo tempo que era fulminado o escandalo ; aquella Resp. Loj. a Perseverança, excludia dos beneficios da sua resolução abolicionista os filhos de mulher escrava com homens livres, casados, de qualquer raça e, muito principalmente os escravizados cujos paes fossem maçons, ainda que no estado de solteiro !

A publicidade de tão moralisadora e altamente humanitaria lei, alem de elevar o caracter nacional, pelo resgate da raça infeliz, verdadeiro *gato humano*, sacrilega propriedade, explorada em todos os sentidos perversos da animalidade impune ; abjecção do predomínio absoluto do homem sobre seus semelhantes ; a publicidade daquelle padrão de admiravel civismo, conseguiu estimular as proprias escravas, em quem a misera servidão não havia de todo extinguido a vergonha, nem atropiada o instincto maternal, e, d'ahi resultou como consequencia legitima que o comportamento das victimas da exploração, melhorou de modo consideravel, sendo-lhes até a resignação na propria desventura um lenitivo as máguas

A utilização de jornais financiados por parte dos membros da instituição, dava visibilidade as ações que as lojas maçônicas vieram a desempenhar dentro da sociedade brasileira ao longo dos anos. O jornal datado de 3 de novembro de 1897, nos mostra as ações que a loja maçônica Perseverança, em 1868, por intervenção e proposta do venerável mestre da loja, que as quantias acumuladas no tronco de beneficência seria destinado a libertação de crianças escravas do sexo feminino.

Estamos nos reportando a segunda metade do século XIX, existia na sociedade da época um grande número de analfabetos, e, nesse sentido, uso das charges foi uma ferramenta de difusão e discussão do problema da abolição por meio da imprensa. Muitas pessoas não tinham tempo de ouvir quem estava lendo, nem estavam dispostas a perguntar a um desconhecido o que trazia de informação o jornal. O uso das charges das revistas repletas de ilustrações, alertava para como era a escravidão naquele período, acautelando a sociedade a se unir à causa abolicionista. A *Revista Illustrada*, foi uma das que circulou no Rio de Janeiro. A seguir veremos:

Figura 5 – Revista Ilustrada. Charge escravo.



Fonte: <http://www.conradoleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=1160701>

Acesso em: 18 nov. 2019.

A revista ilustrada publicada no Rio de Janeiro em 1883, faz uma menção aos políticos brasileiros dizendo que o “obscurantismo e o indiferentismo, vencem a luz e a liberdade na desgraça questão do elemento servil”, nota-se que a capa da revista traz uma crítica direcionada aos políticos brasileiros, na questão de mostrar que a escravidão ainda estava sendo empregada no Brasil.

A maçonaria brasileira contribuiu nas lutas que culminaram com o fim do trabalho escravo no Brasil. Sua atuação dentro desse movimento, garantiu a muitos escravos o direito à

liberdade, e, além do mais, conscientizou grande parte da elite que fazia parte da instituição a não contribuir com a escravidão.

Apesar de não ter sido todas as lojas, nem todos os maçons que lutaram em defesa dos movimentos abolicionistas, muitas lojas e muitos maçons, de forma particular, tornaram-se figuras importantes nessa luta, independente da loja que eles participassem. Jose Castellani cita:

[...] as lojas brasileiras e muitos Maçons, independentemente das Obediências a que pertenciam, tornaram-se figuras exponenciais do movimento, não só pelas propagandas em favor da total abolição da escravatura, mas, também, pela ação efetiva na libertação e na proteção de escravos fugidos (CASTELLANI, 1998, p.54).

O fato é que muitas lojas maçônicas brasileiras desempenharam uma relevante contribuição em benefício à libertação dos escravos. Ações dessas lojas, unidas com o apoio dos irmãos, garantiu a liberdade de muitas crianças filhos de escravos.

Assim como as lojas, por meio de alforrias e decretos que viriam a beneficiar a libertação dos escravos, o uso dos jornais também foi uma forma que a maçonaria teve em mostrar para a sociedade os benefícios que a instituição desempenhou em prol da sociedade brasileira ao longo de sua história. O jornal *O Pelicano* era um dos jornais de propaganda que a maçonaria utilizava para mostrar as ações que havia feito em benefício à sociedade brasileira. Sendo assim, veremos a edição do jornal *O Pelicano* do dia 1 de outubro de 1897, no qual noticiava algumas ações que foram desempenhadas pela maçonaria ao longo dos anos e foi publicada pelos jornais, para que o povo tomasse conhecimento do papel que a instituição teve dentro da sociedade brasileira:

Figura 6 – *Jornal O Pelicano*. Ordem de Propaganda da Maçonaria




N.º 904
Set. 1906

O PELICANO

Mantido com a contribuição espontânea dos Maçons

 ORGAN DE PROPAGANDA DA MAÇONARIA
 no Estado do Paraná

 Advoga exclusivamente os interesses da Grande Instituição

Publicação quinzenal

REDACTORES - PROPRIETARIOS:

Anno 1.º | **Belisario Pernambuco e João Borges Lagos** | **Numero 1**
 34 - Rua Aquidaban - 34

Deus, Patria e Caridade

CURITYBA, 1 DE OUTUBRO DE 1897

 Humildade sem baixesa,
 Gravidade sem orgulho.

O PELICANO

Curityba, 1 de Outubro de 1897.

Este humilde periodico que hoje empre-
 hende a mais nobre das missões que moral-
 mente é dada ao espirito humano, tal como a
 civilização pela educação do caracter, nos in-
 abaláveis principios da verdadeira fé; não vem
 iniciar seus esforços em prol da benemerita e
 universal Instituição, tendo o proposito de
 aggreddir; ao contrario, fazendo uma propaganda
 sã, envidará os meios correctos para que che-
 gue a todos o perfeito conhecimento dos factos
 notaveis que precisamente caracterisam a Ma-
 çonaria, essa sublime associação que tem dif-
 fundido seus beneficos intuitos na nossa cara
 patria, a terra da Santa Cruz, desde 1803,
 quando o Grande Oriente Luzitano, por tres
 memoraveis delegados seus, providenciou para
 serem creadas Lojas regulares no Rio de Ja-
 neiro.

Assim definidos os intuitos que nos esti-
 mulam a actividade, bem se comprehende em
 boa fé, que não apparecemos armados de cam-
 martello porque a nossa grande missão não é
 destruir...

O escudo da verdade será mantido contra
 os golpes do sophisma, e a mais escrupulosa
 analyse servirá de base a refutação dos argu-
 ciosos argumentos de nossos adversarios.

Na quêda dos antagonistas, não descobri-
 remos jamais um triumpho pessoal, e sim dei-
 xaremos bem patente a transcendencia da con-
 quista civilisadora da Maçonaria, com tanta
 exuberancia de provas, já firmada aonde a
 historia se occupa da moral sem jaça, da dedi-
 cação sem limites e finalmente do bem com-
 mum da humanidade.

Dedicando toda a actividade de nossa alma
 a causa altruista da defesa dos fracos e do
 alento aos opprimidos, fará parte notavel de
 nosso programma, tornar bem patente a utili-
 dade da benemerita Instituição que tanto tem
 beneficemente preponderado nos destinos de
 todos dos povos, e particularmente no quanto

de util e de humanitario até hoje existe no
 Brazil.

Lembraremos, com os elementos positi-
 vos, que as principaes conquistas da verdadeira
 civilização em nosso paiz, foram proclamadas
 no mundo profano, depois de heroicamente
 cimentadas no seio fecundo da Maçonaria!

O primeiro grito em favor da libertação
 do ventre escravo, em 28 de Setembro de 1871,
 foi erguido tão convicto quanto modesto pela
 philosophica associação, sendo dezesete annos
 depois, o malhete supremo da Maçonaria bra-
 zileira, que demolio aquella nefanda bastilha
 do Captiveiro, apresentando ao mundo inteiro
 o nosso paiz rehabilitado pela immorredoiira
 Lei n.º 3.353, de 13 de Maio de 1888!

Mostraremos em nossa meritoria missão,
 que os prodromos da nossa emancipação poli-
 tica desde a Independencia até a proclamação
 da Republica, receberam a solemne inspiração
 e os auxilios poderosos da Maçonaria, sempre
 occulta, não pelo abatimento moral consequente
 ao erro e ao crime, porem sim pela modestia
 que na Grande Instituição é condição obrigada
 e, até hoje não desattendida.

Si em nosso tirocinio tivermos de enfren-
 tar com a serpente do fanatismo ou com a
 hydra do clericalismo, não recuaremos em
 quanto nos bater o coração porque estamos con-
 vencido do muito que vale a Maçonaria Brazi-
 leira, não só pelos seus salutaes principios,
 avivando a fé nos angulos de sua potente di-
 visa, como tambem retemperando a nossa de-
 dicação nos exemplos do precioso legado do
 immortal Visconde do Rio Branco e da alma
 diamantina do venerando Saldanha Marinho.

Quando houvermos de patentear a força,
 a invencivel rezistencia da philanthropica asso-
 ciação, basta declararmos aos inimigos da
 verdadeira luz que, no Brazil a Maçonaria
 sente-se inabalavel, dispondo do grande talento
 e da extrema dedicação de Quintino Bocayuva,
 Antonio Joaquim de Macedo Soares e de Hen-
 rique Valladares!

Com o proficuo exemplo daquelles im-
 mortaes e com o auxilio da benemerencia des-
 tes tres notaveis paladinos, baluartes poder-

Fonte: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=733636&pesq=>
 Acesso em: 18 nov. 2019.

O Jornal faz menção que a maçonaria brasileira esteve presente nos principais acontecimentos históricos do Brasil, como mostra o recorte do jornal *O Pelicano* logo acima. A maçonaria contribuiu tanto para emancipação dos escravos, quanto para a independência do Brasil, dois acontecimentos importantes que ganharam destaques nos jornais. O fato é que o uso desses jornais servia para que a sociedade pudesse enxergar a instituição maçônica com um

novo olhar, não mais à criticando por ser uma instituição privada, mais sim que trouxe relevante contribuições para Brasil.

Contudo, percebemos que a maçonaria brasileira com apoio das várias lojas espalhadas em todo país, explorou diversas maneiras que pudessem ajudar e amenizar a escravidão enquanto o seu fim não chegava, utilizou-se de juntar quantias destinado a compra de alforrias, usar jornais para conscientizar a sociedade problema existente no Brasil.

3 RELAÇÃO DE INTERESSE DOS MEMBROS DA MAÇONARIA NOS MOVIMENTOS ABOLICIONISTAS

Foi observado o importante papel que a maçonaria brasileira desempenhou em defesa da liberdade dos escravos negros do Brasil, utilizando, para isso, sua estrutura interna, bem como ações filantrópicas, uso da imprensa, entre outras estratégias. Sua luta saiu de dentro das paredes dos templos maçônicos, até o problema que a sociedade negra escravizada estava passando.

De certa forma, quando paramos para pensar na maçonaria, logo nos vem na cabeça uma instituição repleta de segredos e mistérios, que vem desde a origem da instituição, da maçonaria operativa e maçonaria especulativa. O fato é que a maçonaria no período dos movimentos abolicionistas “era espaço de privilégios acessível a um grupo restrito de pessoas” (MOREL; SOUZA, 2008, p. 18).

Esse espaço de privilégios tido na maçonaria se dá pelo fato de que maior parte dos seus membros era das camadas mais altas da sociedade, como pessoas ligadas a política regional, além de advogados, médicos, fazendeiros e outras figuras de destaque dentro da sociedade. Contudo, imaginando uma instituição que grande parte de seus membros era da elite, existiam membros e lojas maçônicas que não estavam de acordo com o fim da escravidão, muito menos com a defesa da causa abolicionista por parte da instituição.

Partindo desse pressuposto, iremos analisar os maçons que mais se destacaram dentro dos movimentos abolicionistas, entendendo sua atuação dentro de um contexto de disputas internas, que em muitas ocasiões sugeriam propostas que pudessem promover e beneficiar ações para o fim da escravidão, mas não era aceita pela instituição como um todo. Além de atentar para a relação de interesse que havia entre esses abolicionistas e a instituição maçônica em geral, colocando a relação do negro abolicionista, na pessoa de Luiz Gama e sua relação com a própria maçonaria.

3.1 DIVERGÊNCIAS SOCIAIS E INTERESSES PESSOAIS E COLETIVOS NA MAÇONARIA

Os movimentos sociais que marcaram a história do Brasil foram sempre lembrados pela luta em defesa do bem-estar da sociedade menos favorecida, que, em grande medida, era esquecida pelos governantes e elite da época. Segundo Ângela Alonso (2014, p. 126), “[...] a mobilização de um grupo é sempre contra interesses e valores de outros grupos”. Quando nos

remetemos a falar sobre o movimento abolicionista brasileiro e inserimos uma instituição filantrópica no meio desse contexto, devemos nos atentar que essa participação da instituição não foi por completa em favor da causa em defesa do fim da escravidão. Se por um lado muitas lojas aderiam em colaborar com a emancipação de algum escravo, por outro lado, outras lojas não seguiram o mesmo caminho, pelo menos no momento em que foi apresentado o projeto ou ideia por parte de algum de seus membros.

Podemos ver que, Jose Castellani se reporta ao projeto que Ruy Barbosa veio a apresentar na Loja América no ano de 1870¹³, o autor procura mostrar o entusiasmo que Ruy Barbosa teve ao apresentar um projeto que poderia ser colocado em prática além da própria Loja América, ser utilizado em outras lojas no país.

Ainda um estudante de Direito, Ruy Barbosa, iria se tornar uma figura gigantesca da História do Brasil e já mostrava, nessa época, aquela inteligência e aquele descortino, que iriam sempre leva-lo a defender as causas mais nobres da sociedade brasileira. O seu projeto ao contrário dos outros, não se limita à sua Loja, não é doméstico; é, sim, muito mais abrangente, representando uma convocação a todas as Lojas do seu círculo, para que participassem do esforço pela libertação dos escravos.

Esse projeto valeu mais como a apresentação de uma ideia, pois a Loja “América” deve ter se limitado a enviá-lo ao Grande Oriente dos Beneditinos, de cuja jurisdição a Loja fazia parte. O líder dessa dissidência, Joaquim Saldanha Marinho, diante das dificuldades para a consolidação da Obediência e do precário equilíbrio desta, arquivou o original, que, posteriormente seria doado à casa Ruy Barbosa. O projeto, todavia, foi uma demonstração do espírito que animava a juventude maçônica da época (CASTELLANI, 1998, p. 65).

É notável que nem todos os membros da maçonaria, assim como nem todas as lojas maçônicas, tinham o mesmo entusiasmo e alegria quando um maçom apresentava um projeto que iria beneficiar a sociedade escravizada, com intuito de ajudar e colaborar para o fim da escravidão. Havia um jogo de poder dentro da própria instituição. Nem sempre ter uma ideia em favor da sociedade menos favorecida, era a garantia de que o projeto iria ser aprovado e recebido como boa ação pelos demais *irmãos maçons*¹⁴.

Contudo, nem sempre a própria constituição maçônica era seguida ao pé da letra pelos seus membros, como foi visto ainda no primeiro capítulo, o artigo 1º da constituição, deixa

¹³ Esse projeto pode ser encontrado na íntegra no site:

<http://www.museumaconicoparanaense.com/MMPRaiz/AcademiaPML/Patro-45.htm>.

¹⁴ **Irmão Maçons:** o uso da palavra irmão atribuída aos maçons, é uma forma de reconhecimento entre maçons, e caracterizando uma única família, a família maçônica.

claro que a maçonaria defende a liberdade e igualdade para todos, bem como a liberdade do pensamento e diálogo. Sendo assim, percebemos que não era suficiente para que os membros abraçassem o projeto defendido por Luiz Gama. De certa forma, dependia da aprovação da loja¹⁵, bem como da apresentação dentro das reuniões, para ficar no conhecimento dos demais *irmãos*, para, então, permitir ou negar projeto.

Não se pode afirmar se havia uma espécie de racismo maçônico dentro das lojas maçônicas brasileiras por parte de seus membros, apesar da sua constituição maçônica ressaltar que as lojas devem agir de forma igualitária entre todos os povos, embora existissem em outros países lojas em que não eram permitidos o ingresso de negros na instituição, como afirma Renata Ribeiro Francisco: “[...] o racismo maçônico, girava em torno das lojas maçônicas americanas”.

William Almeida de Carvalho vem nos mostrar qual o discurso era adotado pelas lojas americanas em relação a permissão de entrada de homens negros na maçonaria:

Não é adequado iniciar nas nossas Lojas, pessoas da raça Negra; e sua exclusão está de acordo com a Lei Maçônica e as Antigas Obrigações e regulamentos, por causa de sua condição social deprimente; a falta geral de inteligência, que os impossibilita, como um corpo, a trabalhar ou adornar a Maçonaria [...]. (CARVALHO, 1999, p. 24).

Podemos ver que havia um racismo dentro da maçonaria por parte das lojas americanas, porém, dentro da maçonaria brasileira foram iniciadas pessoas negras que se tornaram figuras importantes para a historiografia brasileira, atuaram e deram sua contribuição à causa em defesa do fim da escravidão nesse país.

Muitos foram as contribuições que a maçonaria destinou a emancipação dos escravos brasileiros. Alguns membros, como é caso de Luiz Gama e de Joaquim Nabuco, tiveram destaque dentro desses movimentos, não somente por estarem inseridos dentro da maçonaria, sendo membros da instituição, mas também pela classe social que ambos vivenciavam naquele período.

Gama é reconhecido como um ex-escravo, pobre, negro, e que teve a sorte de conhecer os estudos ainda jovem, e conseguir se tornar jornalista e advogado. Por outro lado, a figura de Joaquim Nabuco, homem descendente de família rica de Pernambuco, de senhores de engenho,

¹⁵**Aprovação da Loja:** termo usado, para que todos membros de determinada loja, aprovem ou neguem determinada ação que a instituição for fazer.

com parentesco no âmbito da política nacional, é exemplo da elite que se destaca no movimento abolicionista por estar do outro lado da situação, se comparado com a vida dos escravos.

Luiz Gama é considerado uma figura importante nesse aspecto, em se tratando da inserção social dos negros livres. Segundo Lígia Fonseca Ferreira, Gama se dizia filho de uma africana livre, Luiza Mahin (FERREIRA, 2007, p 272). Gama era negro, filho de escrava, tornou-se advogado, e também foi jornalista, de certa forma, foi uma exceção se comparado com qualquer outro escravo, que não conseguiu e nem teve a mesma sorte de ter acesso aos estudos.

Poeta, jornalista e advogado, Luiz Gama é um dos raros intelectuais negros brasileiros do século XIX, o único autodidata e o único, também, a ter vivido a experiência da escravidão antes de obter “ardilosa e secretamente”, conforme assinala numa correspondência, as provas de ter nascido livre. (FERREIRA, 2007, p. 271-272).

Gama passa a ser reconhecido, segundo Ligia Fonseca Ferreira, como o advogado dos escravos, utiliza-se do seu conhecimento no âmbito jurídico para levar até o público as injustiças e “erros de jurisprudência cometidos por juízes incautos, corruptos ou incompetentes” (FERREIRA, 2007, p. 274). Luiz Gama se destaca nesse cenário, pois além de ser advogado, também era jornalista, sendo assim, facilitava a aproximação entre os dois contextos sociais, visto que entendia os problemas que a população negra estava sofrendo e vivenciando naquele período.

O fato é que podemos perceber que Luiz Gama, por ser um exemplo de escravo que conseguiu dar um passo a mais dentro da escala social, conhece de perto esse espaço da pessoa escravizada, além de carregar para sempre consigo os traços dos negros rejeitados pela sociedade, que o colocava fora dos padrões da elite da época.

Por outro lado, a pessoa de Joaquim Nabuco era o oposto do que Gama é reconhecido na historiografia, segundo Emília Viotti da Costa, “Nabuco era branco (como aliás a grande maioria dos abolicionistas). Homem da alta classe, descendente de família importante de senhores de engenho em Pernambuco, filho e neto de políticos de vulto no Império, Nabuco era um membro nato da elite brasileira” (COSTA, 2008, p. 77).

Nabuco é de se observar como figura importante nessa construção do movimento abolicionista brasileiro, ele estava a defender a causa estando dentro da sociedade que mais desejava que a escravidão permanecesse ativa.

Segundo Castellani (1998, p. 99), Nabuco se tornaria o líder do abolicionismo e suspeito a todos os senhores de engenho, ou seja, Nabuco passou a defender o escravo negro e mostrar a sociedade branca os problemas trazidos pela escravidão. Estar inserido dentro da elite trazia maior benefício, não se tratava de ouvir de um negro que a escravidão era um mal que estava dentro da sociedade menos favorecida. Com Nabuco, a sociedade passou a escutar de uma pessoa da mesma classe social sobre os problemas sociais que a escravidão trazia.

Nabuco ingressou na carreira política em 1879 como deputado da corte em Recife. Ainda segundo Castellani (1998, p. 99), Nabuco passou a defender temas explosivos na câmara, como a eleição direta, a presença de não católicos no parlamento e, principalmente, a abolição da escravatura.

Portanto, a ideia é deixar claro os aspectos que envolveram Luiz Gama e Joaquim Nabuco nos movimentos abolicionistas brasileiros, o lugar social diferente que cada um desses personagens se encontrava dentro da sociedade brasileira no período da escravidão.

Vimos que Luiz Gama, por ser negro, ex-escravo, conseguiu se tornar advogado, também era jornalista, de certa forma, se comparado a qualquer outro escravo, que desde da infância foi escravizado, Gama conseguiu o que poucos haviam conseguido. Nabuco, por outro lado, era um membro da elite, tinha a sua família ligada a política regional, enfim, era mais fácil conseguir boas relações.

Sendo assim, é importante perceber as ligações entre a maçonaria e essas lideranças abolicionistas, com propósito de analisar a relação de interesse que os abolicionistas viam dentro da instituição maçônica como forma de ganhar mais visibilidade nas causas que eles defendiam.

Renata Ribeiro Francisco mostra que para um negro conseguir ingressar na maçonaria e se estabelecer uma relação de superioridade dentro da sociedade, dependeria de uma relação de apadrinhamento:

A sobrevivência social de mulatos dependeu de estabelecimento de apadrinhamentos, que os habilitavam a circularem em certos espaços. Mas, mesmo se valendo de tais arranjos sociais, que pareciam ser eficientes, observamos que a entrada efetiva da maçonaria no Brasil no início do século XIX colaborou em certo sentido para a modernização dessas relações. (FRANCISCO, 2015, p. 01).

Como podemos perceber, Renata Ribeiro, ao falar sobre a relação de apadrinhamento entre um escravo negro e a maçonaria, nos remete a pensar na possibilidade de um

“apadrinhamento maçônico”, ou seja, seria utilizar do espaço maçônico para alcançar melhores relações sociais. No que diz respeito a causa abolicionista, o espaço maçônico passou a ser enxergado como um status de elevação na classe social e, por consequência, mais espaço para defesa da abolição.

A maçonaria, ao longo de muitos anos, foi reconhecida por parte da sociedade como uma instituição voltada para a elite, desde a sua origem, que somente permitia a entrada de pessoas ligadas a arte da construção, no caso da maçonaria operativa, e, a partir de sua modernização, já reconhecida como maçonaria especulativa, ainda ficou ligada a um seletivo núcleo de pessoas da alta escala social, ou seja, médicos, advogados, comerciantes, políticos, fazendeiros, entre outros. Contudo, é de analisar que para um negro ter condições de entrar na maçonaria, necessitava de um apadrinhamento de algum membro já de dentro da instituição.

Para um negro como Luiz Gama, entrar na maçonaria tinha relação diferente se comparado a outro membro branco, principalmente por se tratar de um ex-escravo, em outros termos não ter relação com a elite predominante nesse período.

Luiz Gama e Joaquim Nabuco, iniciaram-se na maçonaria na Loja América, no ano de 1870. A maçonaria, nesse período, estava sendo enxergada pelos abolicionistas, inclusive os negros, no sentido que podiam ter um lugar que pudesse tratar e expressar suas opiniões em defesa dos escravos.

A maçonaria, por ser um espaço de diálogo, se tornou, de certa maneira, um local propício para se aproximar e conseguir uma relação de interesse que pudesse conseguir determinado apoio em defesa da abolição da escravidão. Segundo Renata Ribeiro Francisco, a maçonaria era ambiente que daria visibilidade as ações que negros abolicionistas pudesse realizar dentro da sociedade:

O fato é que para esses mulatos constantemente preocupados em estarem na vanguarda das novas correntes de pensamentos, tais como republicanismo, anticlericalismo e o abolicionismo, de inspiração europeia e norte-americana, a maçonaria serviu como esteio as suas ambições. (FRANCISCO, 2015, p. 02).

É de se cogitar que para os negros estarem inseridos dentro desse ambiente maçônico, não teria o mesmo significado como para qualquer outro membro da instituição, afinal, estamos falando de pessoas que, por questões raciais sempre foram condenadas previamente a estar fora dos padrões sociais e políticos da época.

É notável que existia um interesse por trás disso, visto que estamos tratando de uma instituição que engloba várias pessoas da sociedade em geral, certamente com opiniões e ideias que entravam em conflitos. Porém, no espaço maçônico há esse diálogo em defesa por aquilo que pensar, mesmo que haja contradições por parte dos irmãos maçons, mais de certa forma o maçom está aberto a discursar e mostrar suas opiniões, ainda que não agrade a todos. A maçonaria, em certa medida, era tomada como espaço de apoio, um lugar para expressar suas indignações, além da obtenção de ajuda.

Segundo Francisco (2015, p.12), Luiz Gama soube como ninguém articular seus interesses abolicionistas e republicanos como seus compromissos maçônicos na Loja América, a qual figurava desde de 1870. Ou seja, Gama utilizaria o espaço maçônico com a finalidade de difundir o ideal abolicionista em defesa da liberdade do escravo. Esse interesse era colocado em prática dentro da instituição, utilizando desse espaço para ganhar mais apoiadores e ajuda em defesa desta causa.

Contudo, podemos perceber que para um negro, que carregava consigo os traços do passado de ser ex-escravo, como foi o caso de Luiz Gama, estar dentro da maçonaria era ter um reconhecimento que jamais teve antes, apesar de ter sido jornalista, advogado, afinal era um mulato fora dos padrões que a sociedade branca pregava. A maçonaria, de certa forma, contribuiu para que Gama chegasse um pouco mais perto da escala social em que predominava a maioria dos brancos.

A história do movimento abolicionista brasileiro, se tratando especificamente da contribuição que a maçonaria brasileira pode doar em benefício a liberdade dos escravos, procuramos ressaltar duas linhas de pesquisa, as ações que as lojas maçônicas desempenharam para juntar quantia que pudesse servir na compra e alforria de escravos, e na outra linha de pesquisa, cogitamos que havia uma relação de interesse dos abolicionista maçons nas pessoas de Nabuco e Gama, tiveram com a maçonaria, no sentido de ser duas pessoas diferentes para os padrões da época, um era negro ex-escravo e o outro era oposto disso, fazia parte da elite, sendo filho de político.

Sendo assim, embora muito se foi pesquisado sobre toda e qualquer tipo de participação da maçonaria dentro dos movimentos abolicionistas no Brasil, porém, não se conseguiu encontrar registros documentais que pudesse ligar a participação da maçonaria aos escravos libertos, porém, abre mais um campo de análise documental para futuros pesquisadores que busquem resposta para esse questionamento e encontrem fontes que possam comprovar o fato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o objeto de pesquisa proposto nesse trabalho, a princípio procuramos fazer uma breve análise sobre a historiografia voltada sobre as origens da fundação e formação da maçonaria, até sua chegada no Brasil.

Procuramos analisar os dois momentos diferentes dos quais a maçonaria vivenciou a partir das diferentes interpretações sobre a sua origem, dando o destaque na perspectiva de explorar melhor as interpretações voltadas a maçonaria operativa acompanhada, posteriormente, da maçonaria especulativa.

Seguindo nessa ideia de procurar mostrar o contexto da maçonaria desde da sua origem e fundação, atentamos em analisar a sua chegada ao Brasil, enfatizando a primeira loja maçônica regular que se instalou no Brasil sob obediência da França, seguindo, posteriormente, de outras lojas maçônicas que iriam se instalar no território brasileiro, nesse momento sob obediência de Portugal.

Sendo assim, realizamos uma análise dos benefícios e contribuições em que a maçonaria brasileira trouxe para a sociedade, no que diz respeito a sua independência e a abolição da escravidão.

Procuramos, ainda, analisar ao longo da pesquisa, o período de escravidão que o Brasil vivenciou, nos reportando a difícil barreira que os teria que romper com a sociedade escravocrata, analisando os discursos que a sociedade e a elite tinham em relação aos escravos no território brasileiro. Sendo assim, exploramos a luta em defesa pela liberdade que a maçonaria brasileira desempenhou, dando sua contribuição na compra de alforrias de muitos escravos e na campanha de conscientização nos jornais vinculados a instituição para mostrar a sociedade os males da escravidão.

Nesse sentido, foi feita uma análise da relação de interesse que os abolicionistas, nas pessoas de Joaquim Nabuco e Luiz Gama tinham dentro do ambiente maçônico, como eles enxergavam e analisavam a maçonaria no cenário voltado a causa dos movimentos abolicionistas.

Foram muitos os obstáculos encontrados ao longo do caminho durante esta pesquisa. A primeira dificuldade foi a falta de trabalhos produzidos ligado à maçonaria, por se tratar de uma temática que ainda hoje é pouco investigada no ambiente acadêmico. Segunda dificuldade, foi a questão das fontes, muitas das lojas maçônicas que atuaram nos movimentos abolicionistas

brasileiros eram de outros estados e tornou-se inviável ir até os locais realizar a pesquisa de fontes.

Na falta das fontes documentais “físicas”, agarrei-me ao auxílio da internet, na qual pude realizar pesquisa em acervos documentais digitalizados, que daria fundamento ao tema proposto deste trabalho.

Apesar das dificuldades que foram se apresentando ao longo dessa pesquisa, pudemos comprovar que a maçonaria brasileira, ao longo da segunda metade do século XIX, desempenhou um papel importante dentro do cenário de crise escravista e política da sociedade brasileira, no qual influenciou mudanças no âmbito do fim da escravidão. Sendo assim, que esse trabalho possa servir para o conhecimento acerca da atuação da instituição maçônica na sociedade brasileira e na sua história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGELA, Alonso. **O abolicionismo como movimento social**. Novos estud. – CEBRAP 2014, n.100, pp.115-127. ISSN 0101-3300.

BALAÚSTTE n° 67 – Loj.ª Maç.ª. **PHILANTROPIA E LIBERDADE**. Disponível em: <http://filhosdehiran.blogspot.com/2010/09/balaustre-n-67-loj-mac-philantropia-e.html>. Acesso em: 13 set. 2019.

BARATA, Alexandre Mansur. **Luzes e Sombras: A Ação da Maçonaria Brasileira (1870-1910)**. Campinas-SP: Ed. Unicamp, 1999.

BENEMELLI, José A. Ferrer. **Arquivos Secretos do Vaticano e a Franco-Maçonaria**. Madras. S. Paulo, 2007.

BETHELL, Leslie; CARVALHO, Jose Murilo de, Org. **Joaquim Nabuco e os Abolicionista Britânicos (Correspondência, 1880-1905)**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008.

CARVALHO, William D.A.de C. **Maçonaria Negra**. Londrina: Editora Maçônica A Trolha, 1999.

CASTELLANI, José: **Os Maçons na Independência do Brasil**, Londrina – PR: Editora Maçônica “A Trolha” Ltda, 1993.

CASTELLANI, Jose. **Os Maçons e a Abolição da Escravatura**. Londrina: A Trolha, 1998.

CASTELLANI, Jose. **Piratininga – História da loja Maçônica Tradição de São Paulo**. São Paulo: OESP. 2000.

CASTELLANI, Jose. **A Maçonaria na Década da Abolição e da Republica**. Londrina: A Trolha, 2001.

CASTRO, Hebe. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.). Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COSTA, Emília Viotti da. **Da senzala à colônia**. São Paulo: Unesp, 1998.

COSTA, Emília Viotti da. **A Abolição**. São Paulo. UNESP, 2008

COSTA, LUIZ MÁRIO FERREIRA. **Maçonaria e Antimaçonaria: Uma análise da “História secreta do Brasil” de Gustavo Barroso**. Juiz de Fora. Universidade Federal de Juiz de Fora. 2009.

COUTO, Sergio Pereira. **Dicionário Secreto da Maçonaria** / São Paulo: Universo dos Livros, 2009.

DICIONÁRIO DE TERMOS MAÇONICO: <http://www.revistaartereal.com.br/wp-content/uploads/2014/02/DICIONARIO-DE-TERMOS-MACONICOS.pdf>. Acesso em: 13 set. 2019.

FERREIRA, Ligia Fonseca. **Luiz Gama: um abolicionista leitor de Renan**. Estud. Av. [online]. 2007, vol.21, n.60, pp217-288. ISSN 0103-4014.

FERREIRA, L. F. **Luiz Gama (1830-1882): étude sur la vie et Pauvre d'un Noir citoyen, militant de la lutte anti-esclavagiste au Brésil**. Paris, 2001. 4v. Tese (Doutorado) – Universidade de Paris 3 / Sorbonne Nouvelle.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. Tradução: Maria Betania Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOMES, Laurentino. **1822: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta Brasil. 2007.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Filosofia da História**. Trad. Maria Rodrigues e Hans Harden. 2.Ed, reimpressão. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

LOCKE, J. John Locke: **Vida e Obra (Os Pensadores)**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MONTEIRO, Elson Luiz Rocha. **A maçonaria e a campanha abolicionista no Pará:1870-1888**. 2009. 115 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2009. Programa de Pós-Graduação em História.

PONTES, Márcio Antônio Silva. **O contributo da Maçonaria para a abolição da escravidão**. 2010. 111f. Monografia de Pós-Graduação – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

RIBEIRO, Francisco Renata. **Por Talentos e Virtudes: Trajetórias Maçônicas de Negros Abolicionista**. 2015. XXVIII Simpósio Nacional de História. Disponível em: <https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/15489450177>. Acesso em: 13 set. 2019.

SANTIAGO, Marcos H. de A. **A participação da maçonaria no movimento abolicionista. Cadernos de Pesquisas Maçônicas nº 1**. A Trolha: Londrina. 1989, p. 165.

SEVCENKO, Nicolau. O Exercício Intelectual como atitude política: os escritores-cidadãos. In: **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SCHIAVON, C. G. B. Considerações acerca da participação maçônica na libertação dos escravos. **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 11, p. 101-106, 1999. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/22628>. Acesso em: 13 set. 2019.